

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS
MESTRADO EM POÉTICAS VISUAIS

BRUNA ELIDA CONFORTE

ALI ONDE O MAR SE FEZ ILHA

PORTO ALEGRE

2017

Bruna Elida Conforte

ALI ONDE O MAR SE FEZ ILHA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes Visuais, área de concentração Poéticas Visuais.

Orientador:

Prof. Dr. Eduardo Vieira da Cunha

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Daniela Kern (PPGAV/UFRGS)

Prof. Dr. Eduardo Veras (PPGAV/UFRGS)

Profa. Dra. Paola Zordan (PPGEDU/ UFRGS)

Porto Alegre

2017

CIP - Catalogação na Publicação

Conforte, Bruna Eida
Ali onde o mar se fez ilha / Bruna Eida
Conforte. -- 2017.
213 f.
Orientador: Eduardo Vieira da Cunha.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de
Pós-Graduação em Artes Visuais, Porto Alegre, BR-RS,
2017.

1. Arquivo . 2. Acaso . 3. Deambulação . 4. Diário
. 5. Fotografia . I. Vieira da Cunha, Eduardo,
orient. II. Título.

À Erony Bona Caminha que compartilhou
comigo seus passos, sua vida e seus silêncios!

AGRADECIMENTOS

Desde muito pequena eu adoro pegar a estrada. Sempre eram no mínimo 12 horas até Montevideo, que compartilhávamos em família, escutando muita música, cantando... eu, por vezes, dormindo, o pai e a mãe sempre acordados conversando. Eu, criança, tapando os olhos do pai que estava dirigindo.

Estrada para mim é afeto!

Estrada para mim é metáfora de vida!

Este trabalho – que também é sobre os caminhos dos possíveis, do acaso e sobre um caminhar que nunca cessa, num movimento/fluxo constante e infinito – é resultado do convívio com vários companheiros de estrada.

Aos meus companheiros nesse trajeto, todo o meu carinho e afeto!

Quero agradecer aqueles que desde sempre me ensinaram a caminhar... dos primeiros passos, do andar de bicicleta sem rodinhas (a inesquecível e primeira vez na Rua Almirante Barroso) até as primeiras trocas de marcha entre um apagar e outro do carro. E, principalmente, me ensinaram a caminhar sem pressa, respeitando meu ritmo e a *fazer o caminho ao andar*:

A ela – a mulher mais especial que eu conheço – minha mãe, que me ensinou a sonhar sempre e me apoia incondicionalmente

nas ideias mais incabíveis! Para mamá, que sempre lia histórias antes de eu dormir, incentivando minha criatividade (enquanto eu comia apenas o recheio das Trakinas e escondia a bolachinha na lancheira para colocar fora no outro dia na escola), dedico a última frase do livro *O Menino do Dedo Verde*:

“Tistu era um Anjo”.

A él, mí padre, que me regalo mí esencia más profunda: mí origen de un paisito celeste que valora mucho el arte y la cultura... hogar que extraño todos los días de mí vida, pero que como dice El Sabalero **“La tierra nunca es ausencia cuando se lleva en el corazón”**. Para papá dedico los versos de la canción *La Flota* [del eterno Sabalero]:

Volver... **volver a ver tu cielo azul,**
sentir... tu verde canto de mar, amor.

Vivir... con renovada alegría
la esperanza que un día / fue
tu calor tierra mía, / y se...,
se perdió en el adiós.

Volver... desde los tercios del alma gris,
a ti, madre tibia y brutal, dolor.

Sentir... como rebrota la infancia
de la oscura distancia / que nos quemaba la vida ayer
y hoy es puente de amor.

La gente manda cariño, manda nostalgia, manda tristeza.
La gente no cree en la muerte, quiere la vida, busca belleza.

La barra soltando amarras
anda el camino de la querencia.

La tierra siempre se aferra a los rincones del corazón.

La flota no quiere otra
que ver la tierra donde nacimos.

El tiempo vendrá cantando
lo que ganamos, lo que perdimos.

Volver es robarle al tiempo la batallita de la experiencia.

La tierra nunca es ausencia cuando se lleva en el corazón.

À minha irmã, responsável pelos trajetos mais divertidos dentro de um carro quando fazemos concurso para ver quem canta pior fazendo de conta que cantamos super bem, por ser minha amiga e estar sempre disponível. À Thai, por estar sempre junto.

Ao meu orientador Eduardo Vieira da Cunha, por acolher esta pesquisa quando ainda nem me conhecia e pela paciência com meu caos.

Ao meu sempre amigo de estrada Marco Antônio Filho, que puxa minhas orelhas quando é necessário, e que me auxilia infinitamente com edições de trabalhos, empréstimo de livros, diversas indicações e conversas.

Aos amigos de todas as horas, que me ajudaram a esvaziar um apartamento em um dia, quando eu decidi ir para o mar habitar. Por serem companheiros de estrada desde sempre e estarem disponíveis a qualquer hora que eu ligo para fazer absolutamente

qualquer coisa: seja comer ou me ajudar nas mais diversas funções: Bina e Deco!

Ao meu sempre companheiro de vida Bernardo Menezes Rosa, por toda a ajuda, e à criança mais doce, inteligente e divertida que tive o privilégio de ver crescer, Joana Ribeiro Rosa. À família do Bernardo pelo acolhimento. Em especial à vó Zaíra por todos os almoços ao longo desses anos, à Tia Mirna, pela casa sempre aberta, e à Liamar Menezes Rosa, pelos brigadeiros e pudins que sempre alegraram minhas produções!

À Maria Helena Bernardes por todas as conversas inspiradoras, toda a atenção e dedicação no processo em que me preparei para a seleção de mestrado, pelas palavras maravilhosas que coloca em seus trabalhos, pela artista que é, por compartilhar comigo o gosto pela estrada e pelos caminhos incertos. Por ser verdadeira... por ser quem é em toda sua essência!

À minha japonesa Caroline Kazue, companheira na jornada da cerâmica, por todo o material que emprestou e doou para meus estudos na seleção de mestrado e por suas palavras lindas e carinhosas, sempre.

À Elida Tessler, com quem orgulhosamente compartilho o meu segundo nome, por ser inspiração pura em palavras, gestos artísticos e pela docência incrivelmente livre e abertas e às diversas bibliotecas em que passeamos durante nossos encontros. À turma

do Almanaque que junto com ela construímos nas melhores manhãs de quarta-feira.

A Ricardo Ara, por todas as conversas, bergamotas, lanches no bar dos vizinhos, e por suas fotografias [com foco] para essa dissertação.

Aos colegas da turma 23, pelas diversas trocas e contribuições infinitas. Em especial à Taís Cardoso, por ser uma apreciadora das minhas cartas e pelas diversas indicações de leitura e artistas; ao Marco Antônio Filho, companheiro de trajetória desde sempre; à Isabel Ramil, por todas os passeios na ilha; ao Leo Caobelli, pelos livros emprestados e os hd's recuperados; ao Fabiano Gummo, por 2013 e 2015; à Camila Mello, pelo moinho. Por todas as dicas, ajudas e informações agradeço ao Hernani Guimarães, à Ana Carla de Brito, à Beatriz, à Isadora Mattioli, à Adauany Zimovski, ao Giordano Toldo, ao Giordano Gil, à Janete Fonseca e à Carol Mendonza.

Aos colegas do Grupo de Estudos em Fotografia da Galeria Mascate, pelos diálogos e jantas pós-encontro, em especial aos veteranos Iara Nunes, Ricardo Ara, Thiéli Elissa, Caroline Lütckmeier, Vicente Carcuchinski, Ricardo Neves, e aos sempre mestres Tiago Coelho e Marco Antônio Filho.

À Grazieli Rieff, minha psicóloga, que acompanhou meu processo de seleção de mestrado e toda a realização dele me trazendo doses de autoconhecimento e confiança.

À Tia Perla, Marisa e Virgínia, por serem família e estarem sempre presentes.

À Juli e Paz, por me lembrarem a criança que fui aos dez anos.

À Erony, por ter compartilhado comigo sua vida e os inúmeros passos dessa aventura.

Aos surrealistas!

Aos caroneiros que dividiram suas horas comigo nas diversas viagens entre Florianópolis, Garopaba e Porto Alegre, compartilhando informações úteis para a realização dessa pesquisa.

À todas as pessoas que escutaram com entusiasmo e curiosidade toda essa história que nunca foi narrada em menos de trinta minutos, sempre de forma minuciosa e atenta aos pequenos detalhes.

Aos acasos e murmúrios que guiaram meus passos de eterna caminhante nesse percurso/trajeto/viagem/aventura!

A todos os poemas que li nessa vida e aos poetas, principalmente, Manoel de Barros, Leminski e Mario Benedetti.

A João Gilberto Noll, por gostar das cartas que escrevi para esse trabalho, por sua leitura calma, pausada e por toda sua escrita.

À professora Judite Santos, primeira professora inspiradora que tive e que despertou em mim o gosto pela leitura e escrita.

À Jacqueline Joner, primeira mestra inspiradora de fotografia.

Ao Eduardo Veras, por ser um professor inspirador desde a graduação, por suas contribuições na qualificação e por me encorajar a usar os atos falhos.

À Daniela Kern pelas contribuições na qualificação, por aceitar o convite para integrar a banca examinadora e por sua dedicação à produção artística feminina.

À Paola Zordan por integrar a banca examinadora.

À Aline Tres, por embarcar comigo na viagem do mar habitar e por toda a companhia nesse ano.

Aos amigos da Galeria Mascate Tiago Coelho, Régis, Paulo, Thiéli por deixarem a casa sempre aberta!

Ao Paulo Brum, por embarcar junto comigo na loucura que foi criar os materiais gráficos deste trabalho e por suas contribuições inspiradoras.

À Maria Fernanda pela caixa que dá vida e dignidade aos objetos de Erony!

Às minhas amigas mais antigas de Lajeado pelas palavras de motivação e incentivo pelo *whats*.

A todas as bandas e músicos que embalaram a escrita dessa dissertação, em especial aos Beatles e seus músicos em carreira solo, John, Paul e George; Pearl Jam e Eddie Vedder; Simon & Garfunkel, Bob Dylan, The Smiths, The Cure, Bon Iver, Caetano Veloso, The Shins, Jorge Drexler, Chico Buarque, Belchior, Jack Johnson, Edward Sharpe and the Magnetic Zeros e Alex Ebert, Bob

Marley, Coldplay, Angus and Julia Stone, Novos Baianos, Green Day, Cake, Sui Generis, El Sabalero, Itamar Assumpção, The Smashing Pumpkins, Nick Drake, Belle and Sebastian, Amy Winehouse, Dom La Nena, Quíça, se fosse, Yann Tiersen, entre tantas outras.

Ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFRGS.

Aos funcionários do Instituto de Artes e da UFRGS.

À CAPES pelos recursos que tornaram essa jornada possível.

“Ao trajeto errante, uma alma igualmente errante.”
(Eliane Robert Moraes)

RESUMO

Este trabalho parte do encontro casual com um material descartado como lixo em uma esquina. Armazenados em sacos pretos, estavam cópias de fotografias, slides, revistas e objetos pessoais pertencentes a uma mulher identificada, em alguns documentos e cartas, como Erony. O arquivo era tão rico que parecia narrar a história da mulher a quem pertenceu. Uma investigação documental e poética é realizada a partir das pistas que o próprio arquivo fornece. A investigação da vida de Erony a partir de seus pertences, escritos e imagens desencadeia uma série de *petrificantes coincidências* em um processo marcado por deambulações e aventura, resultando em um relato de pesquisa que é constantemente atravessado por devaneios registrados em diários que cobrem a vigília e o sono da artista durante o período da investigação (diários de sonhos, de viagem e de bordo).

Palavras-chave: Arquivo. Acaso. Deambulação. Diário. Fotografia.

RESUMEN

Ese trabajo parte del encuentro casual con un material desechado como basura en la esquina. Almacenados en bolsas negras, se encontraban copias de fotografías, diapositivas, revistas y objetos personales que pertenecían a una mujer identificada, en algunos documentos y cartas, como Erony. El archivo era tan rumboso que parecía contar la historia de la mujer a quien perteneció. Una investigación documental y poética es desarrollada a partir de las pistas que el propio archivo trae. La investigación de la vida de Erony a partir de sus perteneces, escritos e imágenes desencadena una serie de petrificantes coincidencias en un proceso marcado por deambulaciones y aventuras, resultando en un relato de investigación que es todo el tiempo atravesado por devaneos registrado en diarios que cobren la vigilia y el sueño de la artista durante el periodo de la investigación (diarios de sueños, de viajes y de a bordo).

Palabras clave: Archivo. Casualidad. Deambulación. Diario. Fotografía.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
Primeiro Passeio: O encontro	26
Segundo Passeio: As pistas e o mar	32
Primeira conversa: Fotografia é apagamento	42
Terceiro Passeio: As cartas	45
Primeiro devaneio: Solidão	49
Segunda conversa: O Momento.....	52
Quarto Passeio: Tudo é trabalho (caronas e pequenos acasos do cotidiano)	58
Terceira conversa: O encontro flutuante.....	68
Quinto Passeio: Os sonhos	78
Segundo Devaneio: Diário de sonhos	80
Sexto Passeio: <i>Caprichos e Relaxos</i>.....	96
Sétimo Passeio: O Naufrágio.....	100
Quarta conversa: O Narrador	105
Oitavo Passeio: O mergulho.....	110
Terceiro devaneio – Diário de bordo.....	112
Quinta conversa: A aventura.....	148
Sexto devaneio: Diário de viagem.....	153
Sétimo devaneio: Diário de Sonhos	179

Nono passeio: Todos os devaneios e a Caixa-objeto 180

CONCLUSÃO 190

REFERÊNCIAS..... 199

APÊNDICES.....203

INTRODUÇÃO

Quando eu tinha dez anos, meu pai compareceu à minha escola para uma reunião pedagógica realizada na mesma sala em que eu tinha aulas. Ao sair, ele deixou sobre a minha classe um bilhete com a transcrição de um poema escrito pelo espanhol Antonio Machado, no qual uma das frases principais clama “Caminante, no hay camino”¹. Na manhã seguinte, ao chegar na sala de aula, encontrei o bilhete com o poema sobre minha mesa.

Conforme fui crescendo, adotei esses versos como uma filosofia de vida e um convite a me deixar guiar pelos acontecimentos que vão se desenvolvendo no transcorrer da vida, sem planejar os rumos com antecedência, deixando que o caminho se faça no próprio andar. Sempre fui grata ao meu pai por ter me ensinado isso tão cedo.

¹ Caminante, son tus huellas
el camino, y nada más;
caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante, no hay camino,
sino estelas en la mar.
(MACHADO, 1995, p. 66)

É sobre esse pensamento que está baseada toda essa experiência apresentada nesse trabalho, desde o encontro ao acaso com a vida de uma desconhecida até a incorporação de fatos, elementos, colaboradores e práticas que surgiam em razão dos meus movimentos no processo de investigação.

A estrutura da dissertação reflete a cadeia de eventos e casualidades que nortearam, do início ao fim, a experiência artística investigada nesta pesquisa: uma série de eventos que se desenvolveram a partir de meu encontro casual com um acervo de objetos e fotografias descartados como lixo em uma esquina, em dezembro de 2014, cujo conteúdo trazia pistas sobre várias etapas da vida de uma mulher, cujo nome era anunciado em envelopes e bilhetes: Erony. O conteúdo do material era tão impactante quanto a forma como havia sido abandonado naquela esquina. Quem seria aquela mulher? Estaria ainda viva? Por que seus guardados, lembranças, fotografias familiares e objetos pessoais estavam no lixo? Que sentido havia em encontrar esse arquivo naquele momento de minha vida?

Com essas perguntas a me mover, passei a perseguir todas as direções indicadas pelos objetos e documentos do arquivo de Erony, na tentativa de compor uma narrativa sobre a existência, a sensibilidade, os gostos, os sonhos e as desventuras daquela que um dia os possuiu.

Desde meu encontro com o arquivo de Erony, me senti em uma aventura, desvendando um tesouro, um mistério. Passava horas pesquisando e tentando encontrar dados sobre sua vida e seu paradeiro. Foram diversas ligações para cartórios de Porto Alegre até descobrir as datas de nascimento, casamento e morte de Erony e seu marido, bem como algumas características da personalidade dela, conhecimento ampliado pela oportunidade de contatar uma cunhada da investigada. Durante o percurso, percebi que sempre que uma pergunta era respondida, uma curiosidade satisfeita ou que algo surgido no caminho prometia “esfriar” a aventura, o acaso parecia fabricar um novo sopro.

Durante a vivência, comecei a me sentir acompanhada de Erony à medida que fui me acercando cada vez mais de seus pertences e perseguindo rastros de sua existência, ora frequentando os mesmos lugares e procurando os mesmos ângulos em que ela fotografou algumas cenas, ora lendo nomes em fachadas de hotéis em que ela se hospedou. Em vários momentos me senti percorrendo seus próprios passos. Até nos últimos momentos, ao finalizar a dissertação e tratar de imprimir os materiais gráficos que acompanham esse trabalho, Erony se atravessou em meu caminho: ao passar pela Rua Silva Jardim, meu roteiro diário durante duas semanas, fui surpreendida pela fachada malconservada e escondida por tapumes de uma loja desativada que exibia o nome “Foto

Martins” e imediatamente reconheci que se tratava do local onde Erony costumava mandar fazer fotografias para documentos, em formato 3x4, segundo indícios que encontrei no arquivo.

Uma série de *petrificantes coincidências*² nortearam a experiência desse trabalho, deixando cada vez mais aberta a estrutura de rede que foi se formando, uma rede-trabalho que abarcava tudo aquilo que chegava de diversas direções. A cadeia de acontecimentos que me permiti viver e produzir, com seus derivados textuais e visuais é o próprio trabalho que se apresenta como objeto dessa dissertação.

A natureza randômica e casual da experiência sobre a qual disserto afetou todas as instâncias de minha vida, assim como minha visão de mundo e da própria arte. Afeta naturalmente, também, o trabalho que a descreve, que a comenta e que sobre ela reflete, permitindo que a escrita se desenvolva e estruture sobre os mesmos princípios vitais que moveram e modelaram o trabalho, absorvendo o universo conceitual de referenciais artísticos e teóricos fundamentais para realização e compreensão do trabalho.

² “Tenho a intenção de narrar, à margem do relato que vou empreender, apenas os episódios marcantes de minha vida tal como posso concebê-la fora de seu plano orgânico, ou seja, na própria medida em que ela está confiada aos acasos, dos menores aos maiores e, refugando a ideia comum que dele faço, introduzir-me num mundo como que proibido, que é o das aproximações repentinas, das petrificantes coincidências, dos reflexos que vencem qualquer outro impulso mental, de acordes batidos como no piano, de clarões que fariam ver, mas ver de fato, se não fossem ainda mais rápidos que os demais”. (BRETON, 2007, p.27)

Como me foi sugerido durante a banca de qualificação, a escrita final da dissertação deixa transparecer a impossibilidade de separar a pesquisadora da artista, permitindo à linguagem textual fluir como um relato de artista interceptado por segmentos reflexivos nos quais lanço mão de lentes teóricas que proporcionaram um contraponto de lucidez à embriaguez da aventura.

Em sua forma, tratamento e organização, o texto espelha a experiência vivida durante os dois últimos anos, quando aprendi a aceitar que os rumos do trabalho artístico – e, por consequência, da pesquisa e da própria dissertação – fossem atravessados com naturalidade por circunstâncias, colaboradores e fontes inesperadas que surgiam nos momentos e locais mais fortuitos.

Buscando dar transparência ao ritmo de “atravessamentos” nos rumos da pesquisa (fatos, informações e pessoas que se interpunham, desviavam ou reforçavam direções e pistas a perseguir) os textos que compõem a dissertação organizam-se em três conjuntos: Passeios, Devaneios e Conversas.

De *Devaneios do Caminhante Solitário*, de Jean-Jacques Rousseau, (1778), tomo emprestada a nomeação de dois conjuntos de texto – “Devaneios” (baseada no título do livro) e “Passeios”

(derivado livremente de “Caminhadas”, nomeação dada aos capítulos do livro)³.

Em “Passeios” relato (ou *confesso* como Rousseau) os sobressaltos, alegrias, frustrações e decisões, ora perturbadoras (como a de me tornar uma mergulhadora em águas abertas como parte de um processo de pesquisa em artes visuais), ora naturais (como a de transportar os objetos de Erony para a praia e fotografá-los), mas sempre agregadoras de sentido. Os “Devaneios” atravessam livremente os “Passeios” trazendo para o corpo da dissertação um experimento poético. As “Conversas”, por sua vez, trazem as reflexões despertadas por leituras com as quais percebo meu pensamento e processo criador em diálogo. Nelas, é perceptível como Henri Lefebvre, Georg Simmel e Walter Benjamin contribuíram com seus ensinamentos sobre como a filosofia pode ser poética e a poesia filosófica, sem que nenhuma delas deixe de ser o que é.

Em parte, inspirada pela estrutura do livro de Julio Cortázar, *Rayuela* (1963, traduzido para o português como “O Jogo da Amarelinha”), essa dissertação permite ao leitor algumas variações eletivas na ordem de leitura. Aqueles que queiram experimentar o

³ Ao invés de dividir seu livro em capítulos, Rousseau dividiu-o em “Caminhadas”, nas quais ele traz reflexões que se deram durante andanças por Paris e arredores, nos seus dois últimos anos de vida. Assim, o livro tem a Primeira Caminhada, a Segunda Caminhada, e, assim, sucessivamente.

relato de fatos transcorridos a partir do encontro com o arquivo de Erony, poderão seguir o fluxo narrativo dos “Passeios”, percorrendo os caminhos pelos quais a experiência foi se construindo em sua sequência cronológica, “pulando” os segmentos das “Conversas”.

Aqueles que queiram experimentar um mergulho via leitura em vivências de natureza próxima à surrealista, poderão ler os “Devaneios”, “pulando” os “Passeios” e as “Conversas” e, assim, ora adentrando no mundo onírico dos sonhos, ora seguindo meus passos aventureiros na estrada ou nos mergulhos.

Para situar o leitor e demarcar esses territórios um tanto quanto flutuantes, pictogramas foram reproduzidos a partir do próprio arquivo. Erony realizou vários recortes minuciosos de ilustrações, revistas, etc. Olhando para todo esse material, escolhi⁴ ilustrações que me saltaram aos olhos por trazerem a ideia de coleção.



⁴ Tive a assistência do designer Paulo Brum (Trama Design) que me auxiliou nas soluções gráficas que ajudariam o leitor a navegar na trama dessa rede. Todos os demais materiais gráficos que acompanham essa dissertação também foram elaborados por mim com a assessoria de Paulo.

Figura 01 – Pictograma “Passeio”, “Caminhada” e “Devaneio” (Ilustração: Arquivo de Erony + Trama Design)

Sempre que um passeio é atravessado por um devaneio, por exemplo, o pictograma aparece para demarcar essa irrupção.

Escrita no ritmo do fluxo e da torrente de acontecimentos durante a experiência não foi possível que o texto absorvesse em sua estrutura principal todas as leituras que contribuíram com a pesquisa. Para essas contribuições, que levantam questões importantes referentes ao trabalho e – de forma flutuante, ora vêm, ora vão – criei dois espaços para abrigá-las: Citações Deambulantes e Referências Flutuantes. Tanto uma coletânea quanto a outra trazem a ideia de arquivismo, remetendo a recortes que se guardam, o que lembra a própria forma de Erony guardar muitas de suas páginas, figuras recortadas, pequenos objetos que compunham um álbum de afetos e registros, além do meu próprio gesto ao trabalhar com o arquivo dela.

Aqui cabe o exemplo de Walter Benjamin, autor que participa do corpo principal da Dissertação (em *Conversas*) e que também contribui com trechos de seus livros em Citações Deambulantes. A ideia das Referências Flutuantes e Citações Deambulantes (envelopes com citações/referências soltas que podem seguir recebendo conteúdo), em parte, conversa com o livro *Passagens*, última obra de Benjamin, uma coleção de reflexões fragmentárias organizadas como um arquivo que permaneceu

aberto e enigmático para a posteridade. Não se tem certeza se o autor não chegou a completar a obra em razão de sua morte trágica ou se seria próprio dessa obra de natureza fragmentária e aberta permanecer como um arquivo interminável de reflexões e impressões sobre a sociedade moderna⁵.

O projeto gráfico da dissertação é proposto para sublinhar a *constelação de momentos* (Lefebvre, 1961) que conformou a cadeia de eventos desencadeados a partir de meu encontro com o arquivo de Erony. O tratamento gráfico e a criação de volumes (caderno de texto principal, foto-livros, objetos de Erony reunidos em uma caixa) respeita a natureza fragmentária que se traduz no ensinamento que Benjamin legou com a escritura fragmentária de dois seus livros: *Mão Única* e *Passagens*.

O projeto da caixa-objeto e dos volumes que ela reúne responde ao intuito de comunicar uma experiência de vida e arte da qual parece impossível se tomar distância, pois engloba, em sua rede, todas as partes – inclusive a própria dissertação. Uma rede em permanente expansão, um processo sem produto.

⁵ *Passagens* me instiga pela estrutura fragmentária que, por si só, se contrapõe à racionalidade do traçado em grade da Paris "Capital da Modernidade" de Georges-Eugène Haussmann, uma cidade funcional, racionalizada, de onde os labirintos medievais foram varridos para tornar-se à prova de barricadas.



Figura 02 – Fundo falso da caixa-objeto que abriga alguns objetos do arquivo de Erony (Foto: Marco Antonio Santos da Rocha Filho)

Encontrei um arquivo, e através dessa caixa-objeto também devolvo um arquivo. Ela é a mimetização do que eu tive que fazer quando encontrei os pertences de Erony. Foi pensada para aqueles que se deparem com ela terem que investigar (não no sentido policial), mas no sentido de construir sentidos ou sua própria história a partir das peças que estão ali dispostas. Devido a isso, optei, inclusive, por deixar alguns materiais sem nomeação. Tudo é aberto. Tudo pode vir a ser. Da mesma forma que foi a minha própria experiência.

Como se afastar do mar durante o mergulho?



PRIMEIRO PASSEIO: O ENCONTRO

Há tempos, eu vinha nutrindo a crença de que um dia encontraria um tesouro no lixo. Nos três anos que precederam o início desse trabalho, observava o conteúdo de coletores de entulho e lixeiras, mas não chegava a revirá-los, limitando-me a recolher alguns objetos que levava para minha casa e restaurava, transformando-os em ambientes como “O Cantinho do Chá”⁶.

Até que, em uma noite chuvosa, uma grande quantidade de lixo revirado na esquina de casa freou o meu passo apurado. Primeiro, vi umas bolsas femininas que pareciam datar dos anos

⁶ Espaço na casa dedicado a Lewis Carroll e seu personagem Chapeleiro Maluco, que fiz a partir de 4 gavetas encontradas na rua, que eram da cor areia e se transformaram em quatro estantes penduradas na parede em tons pastéis de amarelo, azul, verde e lilás para abrigar minha pequena coleção de xícaras, bulês e pratinhos. Anotação do dia:

Enfim, ao lado do jardim surrealista, surgiu o cantinho do chá!
desaniversário. leirão. lebre de março. chapeleiro maluco. Tudo o que começava com M.

1960. Olhando mais atentamente, vi várias revistas antigas, percebendo que eram publicações de arte e *slides*. Comentei com um catador de lixo que estava por ali, que aquele material era valioso. Fui para casa e busquei várias sacolas para recolhê-lo, reencontrando o catador que deu risada e exclamou:

– E não é que ela voltou, mesmo!

Ao chegar em casa com as diversas sacolas, abri tudo, espalhei o conteúdo no chão e comecei a separá-lo. Logo me dei conta de que havia encontrado o tesouro que tanto havia esperado!

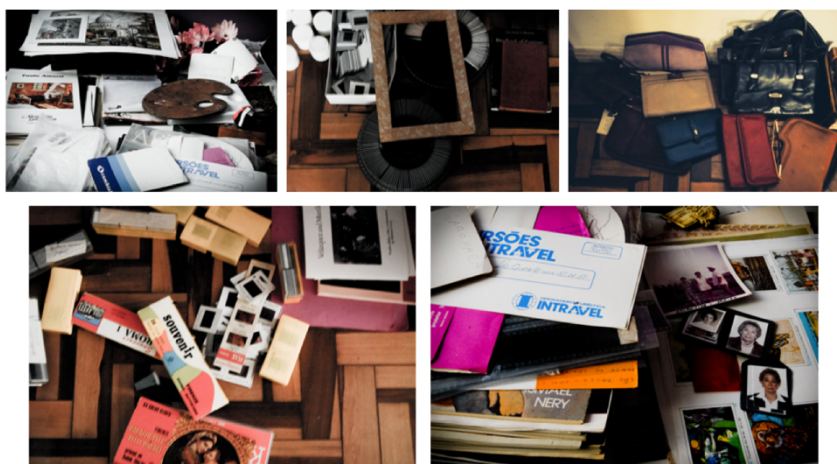


Figura 03 – Fotografias do dia do encontro com o arquivo (Foto: Bruna Elida)

Estava intrigada sobre a origem de tudo aquilo. A princípio, pensei que uma vizinha tivesse feito uma faxina em casa ou que alguém tivesse falecido tendo seus pertences simplesmente

descartados. Ao separar o material, encontrei um envelope que tinha o endereço da possível dona do acervo: chamava-se Erony e morava na Rua Anita Garibaldi, em Porto Alegre, um local distante de minha casa e da esquina em que encontrei o material. Lembrei-me que havia um brique de móveis usados próximo ao local da lixeira, talvez lá, pudessem saber de algo. Dirige-me à loja no dia seguinte, onde me contaram que tinham recebido um telefonema sobre a doação de um sofá no estilo Luís XIV, mas a condição para efetuá-la era de que o contemplado retirasse tudo o que havia dentro da casa onde se encontrava o móvel. O comerciante de móveis removeu o sofá e embalou os guardados restantes em grandes sacos de lixo preto, descartando-os na esquina onde os encontrei. Pensei: se catadores não tivessem passado antes de mim por aquele local e despejado o conteúdo dos sacos no chão; se eu não tivesse estendido uma conversa com a atendente da academia de ginástica ou se tivesse dirigido mais rápido: provavelmente passaria por aqueles sacos de lixo pretos, fechados, sem jamais ter me encontrado com Erony. Fiquei espantada com a casualidade desse material justamente ter ido parar na minha rua, que ficava do outro lado da cidade em relação à casa dela. Pensei o quão triste seria se por qualquer casualidade distinta eu não o tivesse encontrado. Parecia-me chocante o fato de um material aparentemente tão valioso – fotografias e objetos que testemunharam que Erony e o

marido viajaram por diversas partes do mundo nas décadas de 1950/60/70 – tinha sido descartado dessa forma. Perguntava-me quem teria colocado no lixo memórias e objetos que Erony cuidadosamente guardou durante cinquenta, sessenta anos.

Comecei a pesquisar na internet sobre Erony e sua família. Nesse momento, ainda tinha esperança de que ela estivesse viva. Pensava na possibilidade de a família tê-la levado a um lar de idosos e esvaziado a casa para vender o imóvel. Sonhava com o dia em que encontraria Erony, bem velhinha, sentada em sua cadeira de balanço em um asilo, e eu – levando em mãos uma grande pasta – me sentaria ao lado dela para mostrar o resultado do trabalho que fiz a partir daquele primeiro encontro com sua vida.



Figura 04 – Erony nos anos 1970 (Foto: Acervo Pessoal)

As fotografias que estavam em seus guardados e cujo conjunto passei a me referir como “o arquivo” me indicavam que o marido era bem mais velho do que Erony. Nas fotos, ele já tinha o cabelo todo branco, enquanto ela ainda parecia uma musa do cinema italiano. Havia no arquivo imagens de um menino que, pela diferença de idade entre eles, eu julgava ser filho só do esposo. Através de um carimbo que constava em uma folha timbrada, descobri o nome e a profissão do marido: Leônidas Paim Caminha, advogado. Ao encontrar a família Caminha através de pesquisas na internet, vi que parte dela era formada por advogados. Refreei o impulso de procurar parentes e contive minha imensa curiosidade a respeito de Erony e de seu paradeiro, pensando que, por haver advogados na família, talvez me impossibilitassem de realizar qualquer tipo de trabalho com o material encontrado.

Decidi esperar.

De qualquer forma, seguia sempre procurando na internet, à espera de novidades. Por fim, chegou o dia em que descobri algo com o que não queria me deparar: Erony havia falecido pouco antes de eu encontrar seu arquivo. Meu segundo e desejado encontro com ela, dessa vez frente a frente, jamais aconteceria. A informação constava em um documento sobre a partilha de bens dela no Diário eletrônico do Tribunal de Justiça, que mencionava alguém que

tinha o mesmo sobrenome de solteira: Bona. Na fotografia mais antiga do arquivo, que Erony intitulou, no verso, como “Lembrança da chácara” aparecem três jovens sentadas em um ambiente tipicamente interiorano, galinhas em volta e um coelho no colo de uma delas, a quem julguei que poderia ser uma irmã de Erony. Encontrei o número de telefone dessa suposta moça da foto na Lista Telefônica, mas, naquele momento, resisti novamente à tentação de ligar.

Decidi esperar.



SEGUNDO PASSEIO: AS PISTAS E O MAR

Não sabia por onde começar a trabalhar em um arquivo tão vasto como o de Erony, que continha fragmentos de correspondências, fotografias em papel, slides, recortes, revistas de arte e fotografia, objetos e souvenirs de viagens, etc. Sabia, porém, que dentro dele poderia encontrar pistas que, talvez, ela mesma tivesse deixado. Ao fazer a catalogação dos *slides* separando-os por locais e ano, encontrei uma fotografia de Erony em frente ao mar onde ela grafara, com a própria caligrafia, na parte superior da moldura: “A Bela e o Mar”.



Figura 05 – Slide do arquivo de Erony (Foto: Bruna Elida)

Naquele momento, a frase soou como título. Notei que grande parte do arquivo trazia referências à paisagem litorânea, principalmente de Santa Catarina. Separei todos os slides com imagens em que o mar era elemento central, projetei-as na parede branca da sala de meu apartamento e as fotografei.

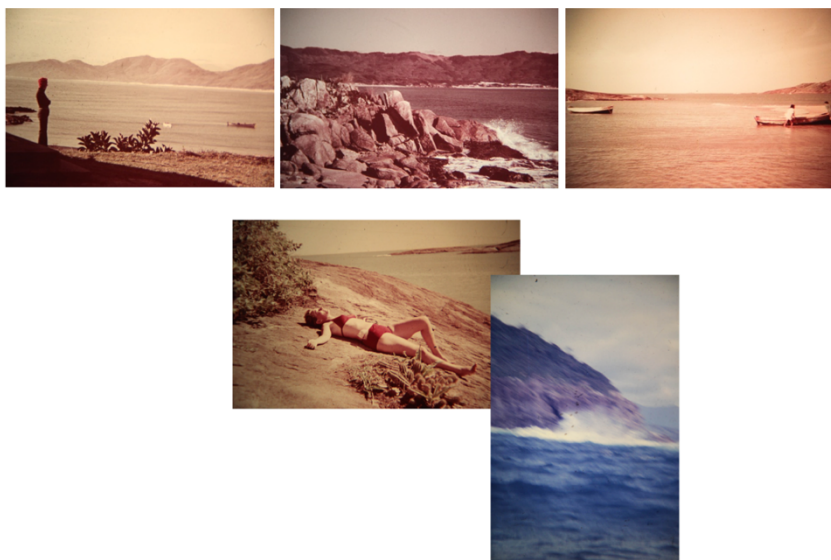


Figura 06 – Fotografias do arquivo de Erony (Foto: Acervo Pessoal)

Em uma atitude quase performática, resolvi levar todos os objetos de Erony para junto do mar, buscando refletir sobre a possibilidade que sempre me assombrou de esses objetos quase terem desaparecido para sempre. Pensava, também, na condição

própria da fotografia, que sempre desvela algo sobre alguém ou alguma situação, mas nunca traz tudo à tona – como se várias coisas estivessem desaparecendo quando a imagem de uma cena é capturada. (Acredito que o próprio arquivo de Erony me chega dessa forma, com uma série de apagamentos, já que, dela, parece que só tenho acesso ao que ela “quis” me contar. Olho para as fotos e quase invejo a vida dessa mulher que viajou por quase todo o mundo e que, aparentemente, passou grande parte de sua vida no litoral. É isso que ela me conta sobre sua vida, mas, e o resto? Afinal, de alguma forma, editamos nossas vidas através da fotografia, registrando apenas os momentos felizes em detrimento de outros.



Figura 07 – Objetos de Erony no mar (Fotos: Bruna Elida)

A recorrência de imagens em que era visível o corpo de um navio, parcialmente acima da água, próximo à costa de onde Erony o teria fotografado, me instigou. Como ela tinha casa em Garopaba

e meu ex-companheiro sempre me contava de um barco naufragado que ele via quando criança nesse balneário, logo pensei que se tratasse do mesmo. Pesquisando sobre a história de Garopaba, descobri que a origem do nome da cidade vem da palavra tupi-guarani Ygarata, que significa “enseada de barcos” ou “lugar de descanso”, mencionada na carta de Turin, de 1523. Nesse momento, fez todo o sentido chamar o trabalho de *Ygarata*.



Figura 08 – Fotografias do arquivo de Erony (Foto: Acervo Pessoal)

O convívio com as memórias de Erony despertaram algumas lembranças de minha própria infância. Tenho na memória o criado-mudo de meus pais abarrotado de correspondências e documentos. Certo dia, meus pais me contaram que aquelas eram as cartas que eles trocavam quando meu pai ainda morava na capital uruguaia, Montevideo, uma cidade litorânea, e minha mãe, em

Lajeado, uma cidade distante do mar, no interior do Rio Grande do Sul.

Há seis anos, resolvi me apropriar desse material. Até hoje carrego a sacola branca, feita em plástico duro, com escritos em letras azuis e vermelhas, que contém cartas e alguns documentos guardados por meus pais, como minha certidão de nascimento, fotos minhas, de minha irmã e minha mãe quando mais jovem e alguns desenhos antigos feitos por meu pai. Pensava que ainda viria a fazer algum trabalho artístico com esse material. Em uma época, cheguei a fotografar as peças e escrevi:

**Para Aninha, con
amor! [2012]**

novembro 9, 2012

é tempo de iniciar um novo trabalho.

"Para Aninha, con amor!" vai contar o
início... o início de tudo.

início do amor entre meus pais.

início da minha existência.

início de uma jornada, que já dura
tanto e não tem previsão para acabar.

é tempo de iniciar!

Figura 09 – Print do blog www.brunaelida.wordpress.com (Foto: Bruna Elida)



Figura 10 – Print do blog www.brunaelida.wordpress.com (Foto: Bruna Elida)

Acabei não dando seguimento a esse trabalho, mas sigo carregando a sacola que me acompanhou quando me mudei do Rio Grande do Sul para Santa Catarina. Entre os poemas de meu pai que se encontram na sacola, um de meus preferidos tem como

assunto o mar e, hoje, entendo o porquê de gostar tanto dele: em minha vida, desde sempre, tudo parece ter me conduzido para perto do mar, inclusive o arquivo de Erony. Um dos sonhos alimentados por meus pais desde quando eram apenas namorados foi o de, um dia, viver junto ao mar, como se pode ver nesse poema escrito em 1981 por meu pai:

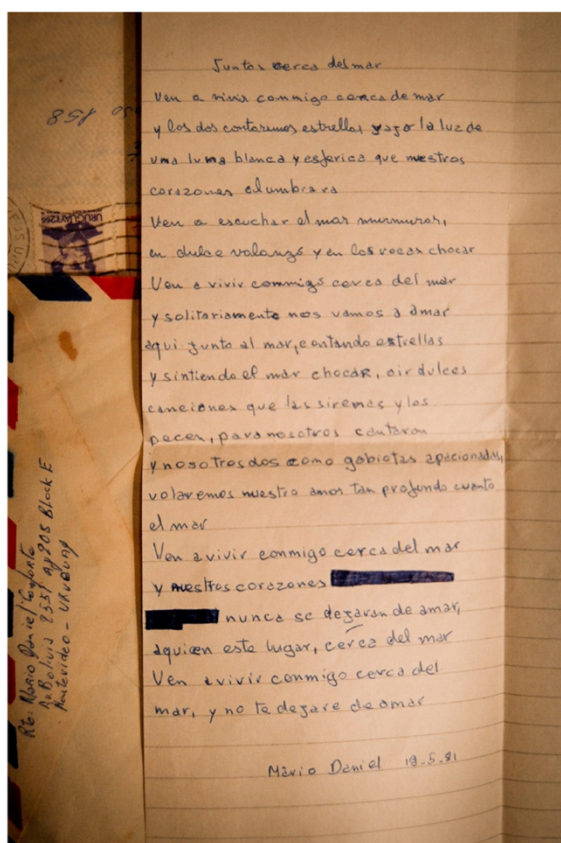


Figura 11 – Carta enviada pelo meu pai para minha mãe (Foto: Bruna Elida)

Juntos cerca del mar

Ven a vivir conmigo cerca de mar
y los dos contaremos estrellas bajo la luz de
una luna blanca y esferica que nuestros
corazones alumbrara

Ven a escuchar el mar murmurar,
en dulce valanzo y en las rocas chocar

Ven a vivir conmigo cerca del mar
y solitariamente nos vamos a amar
aqui junto al mar, contando estrellas
y sintiendo el mar chocar, oir dulces
canciones que las sirenas y los
peces, para nosotros cantaran
y nosotros dos como gaviotas apasionadas,
volaremos nuestro amor tan profundo cuanto
el mar

Ven a vivir conmigo cerca del mar
y nuestros corazones
nunca se dejaran de amar,
[...] este lugar, cerca del mar
Ven a vivir conmigo cerca del
mar, y no te dejare de amar

Mario Daniel 19-5-81

Muito antes do meu encontro com o arquivo de Erony, meus pais já amavam Garopaba. Nas férias, alternávamos os veraneios: um ano no litoral uruguaio e, o seguinte, no litoral catarinense, geralmente em Garopaba. Meu ex-companheiro também tinha forte

relação com Garopaba, mantendo minha ligação com a cidade onde sempre passávamos parte do verão.

Em 2016 minha família cumpriu a vocação de viver perto do mar e, gradualmente, todos fizemos morada em Santa Catarina, entre Garopaba e Florianópolis.

Em um dos *slides* de Erony com imagens do litoral, ela escreveu: "Vista da nossa casa". A fotografia foi tirada do interior da casa, usando a janela para enquadrar o mar.

Em março de 2017, durante um passeio pela praia, fiquei horas sentada sobre as rochas do Rosa Norte apenas observando uma das cenas de que mais gosto de ver no mar: a onda que por vezes bate na ponta da rocha, respingando água para todos os lados, às vezes passando por cima dela cobrindo-a completamente, para logo após revelar a rocha novamente; às vezes faz pouco barulho, às vezes muito.

Nesse dia, postei em uma rede social uma foto acompanhada de algumas linhas dedicadas ao mar:

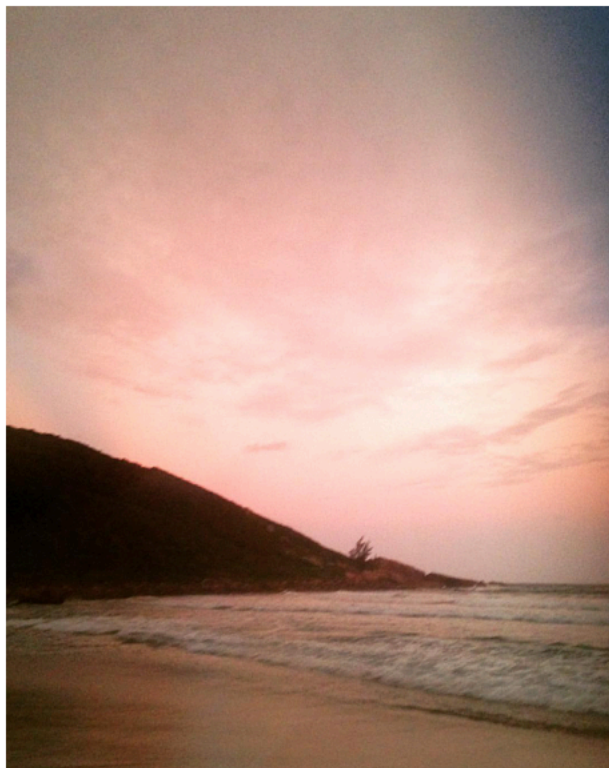


Figura 12 – Canto Norte da Praia do Rosa (Foto: Bruna Elida)

Navegar: fazer-se ao mar.

Transformar-me em mar,

Ver-me em mar.

Fundir-me ao mar.

Escolher o mar como moradia foi encontrar o meu
Norte!



PRIMEIRA CONVERSA: FOTOGRAFIA É APAGAMENTO

Desde o encontro com o arquivo de Erony, predominantemente composto por fotografias, me ocorreu um pensamento que eu tinha a respeito da própria fotografia [baseada nos estudos de Joan Fontcuberta (2010) em relação à ideia de edição da memória e apagamento]: a sensação de uma história que me chegava com uma série de lapsos, lacunas que sinalizavam a existência de fatos que, aparentemente, Erony não quis contar e que, por isso, talvez tivesse evitado registrar esses momentos através da fotografia, da escrita ou de qualquer outra forma de arquivamento.

Os escritos de Fontcuberta trazem a perspectiva de que “lembrar significa selecionar certos capítulos de nossa experiência e esquecer o resto”. Para ele, não existe nada que seja tão dolorido quanto lembrar exaustivamente de cada detalhe da vida.

A fotografia tem relação com o que queremos lembrar, é uma construção que fazemos de nós mesmos. Quando vi as fotografias de Erony pela primeira vez, pareceu-me que ela havia vivido uma vida incrível, estando sempre perto do mar e viajando por tantos lugares do mundo, em épocas nas quais viajar era um hábito bastante restrito.

No livro *O Beijo de Judas: Fotografia e verdade* (2010), há um capítulo em que Fontcuberta inicia sua reflexão com uma epígrafe de Vilém Flusser “Esquecer é uma função tão importante da memória quanto lembrar”. Para ele, ao olhar um arquivo de fotografias de pessoas, encontramos geralmente momentos agradáveis, como viagens, férias, festas. Ao fotografar esses momentos, estaríamos, segundo o autor, reforçando a felicidade existente neles:

[Fotografamos] para afirmar aquilo que nos agrada, para cobrir ausências, para deter o tempo e, pelo menos ilusoriamente, adiar a inevitabilidade da morte. Fotografamos para preservar a estrutura de nossa mitologia pessoal.” (FONTCUBERTA, 2010, p. 39-40)

Em geral, não são merecedores de serem fotografados os momentos em que estamos tristes, quando algo de ruim nos

acontece. No arquivo de Erony, por exemplo, não há uma fotografia sequer que trate de algo assim. Um humor excêntrico à felicidade predominante nos registros só transparece nas fotografias de uma ou outra paisagem, que permitem intuir um olhar um pouco melancólico ou solitário.

Em relação a esse ponto, Fontcuberta traz a perspectiva de que fotografamos não para nos lembrar, mas para esquecer: “ressaltamos alguns fatos para adiar os intervalos anódinos e tediosos que fatigam o espírito. (...) Eu fotografo para esquecer”.

Dessa forma, construímos uma série de souvenirs da nossa própria vida com lembranças que queremos recordar futuramente, deixando diversos espaços em branco, lapsos que considero como apagamentos. Contar uma história através de fotografias é também apagar diversos momentos, sentimentos. A partir desse entendimento é que vejo o arquivo de Erony chegar a mim com diversas lacunas. Decidi que queria compor narrativas para suprir, de alguma forma, esses intervalos, mesmo não conhecendo os fatos que originalmente os habitaram. Foi essa decisão que me motivou a redigir uma série de cartas em nome de Erony e trazê-las para perto de seu mundo e de seus objetos, cartas em que ela narraria a seus amigos momentos imaginários sobre os quais, supus, ela se calaria.



TERCEIRO PASSEIO: AS CARTAS

Inspirada pela fotografia mais antiga do arquivo de Erony, “Lembrança da Chácara”, pelas cartas que meus pais trocaram na juventude e pela sensação de que a vida de Erony me chegou de forma fragmentária e parcial, decidi que redigiria uma série de cartas, imaginando-as como correspondências que Erony teria enviado à amiga que aparecia a seu lado na antiga fotografia. Tomada essa decisão, sempre que eu ia para um lugar que considerava inspirador para escrever uma dessas cartas, levava comigo uma das fotografias do arquivo para servir como um “gatilho” para a escrita. Também levava alguns livros que poderiam me inspirar no momento de redigir as cartas. Anotava o local de escrita e os livros que havia levado. Fiz a lista de palavras dela. Usava histórias pessoais, relatos que ouvi de outras pessoas, além do que estava acontecendo no local, no momento da escrita.



Figura 13 – Fotografias do arquivo de Erony (Foto: Bruna Elida)

Nesse momento do trabalho, uma nova dimensão foi inaugurada: comecei a criar uma ficção na qual as cartas seriam encontradas em um barco naufragado em Garopaba. Planejei que a última carta seria escrita em alto mar, quando Erony volta de uma visita a amiga destinatária das cartas em seu leito de morte. Na sequência dessa narrativa, o barco naufragaria em uma ilha, momento em que introduziria o nome escolhido como título de meu trabalho acompanhado do ano que estipulei para o naufrágio na costa de Garopaba: “Ygarata, 1981 – Ali onde o mar se fez ilha”. (Hoje, relaciono esse “fazer-se ilha” à solidão experimentada por Erony em vários momentos de sua vida, o que constatei em investigações posteriores à criação desse título, conforme comentarei mais adiante).

Em minhas pesquisas a respeito de naufrágios no litoral de Santa Catarina descobri que as fotografias de Erony são de um barco encalhado em Laguna, um caso envolvido em uma série de mistérios, já que o barco, bem visível há poucas décadas, desapareceu completamente.

Somente nesse ano de 2017, criei coragem de telefonar para uma parente de Erony (a quem localizei por meio do documento de partilha de bens no Diário Oficial eletrônico do Tribunal de Justiça). Sempre pensei que se tratasse de uma irmã, que poderia inclusive ser uma das moças que acompanha Erony na fotografia “Lembrança da chácara”, mas a mulher se identificou como sua cunhada, tendo sido casada com um irmão de Erony, já falecido.

Através dessa informante, descobri que Erony morreu vítima de câncer no útero, o que para mim foi uma coincidência impactante, visto que em uma das cartas ficcionais, escrevo que Erony não pode engravidar pois tem endometriose, doença que causa infertilidade e que se dá quando a mucosa que reveste a parte interna do útero cresce em outras regiões do corpo. Erony era uma pessoa muito solitária e não havia tido filhos, pois ela e o marido optaram por uma vida com muitas viagens, comentou a cunhada que ainda contou ter cuidado de Erony durante a doença. Então, *ali onde o mar se fez ilha*, fala da solidão. A ilha deixou de ser física para ser metáfora. A carta fotografada a seguir, centrada no tema

“solidão/solitude”, foi escrita alguns meses antes do contato com a cunhada de Erony.



Primeiro devaneio: Solidão



Figura 14 – Praia da Vila, em Imbituba, nos anos 1970 (Foto: Acervo Pessoal de Erony)

Porto Alegre, 07 de julho de 79.

Caríssima amiga,

É com a brisa do vento e o ranger dos balanços da pracinha perto de casa que começo a desenhar estas linhas. Recentemente li um poema de um jovem autor uruguaio que dizia "no hay ojos para mirar el silencio".

Essas palavras me tocaram no mais íntimo percurso afetivo, deixando uma marca profunda e uma reflexão que vai e volta constantemente, como as ondas, que tanto apreciamos.

Uma vez, minha cara, conheci uma moça na Redenção que me falava sobre a diferença entre solidão e solitude. Ela tinha uma fala tranquila, pausada e olhos bem profundos, que me revelaram que tinha sofrido bastante.

È

E se é para pensar em silêncio e solidão, não posso deixar de te enviar essa imagem.

Naquela manhã de 74, partia de mim uma solidão indescritível. Sentia uma incompletude no viver, um abismo assomava-se cada vez mais rápido. Precisava sentir o cheiro do sol. Rui caminhar tentando seguir os indícios do acaso, que me levaram à praia. A passos lentos, o som do mar me conduzia pela areia branca com resquícios de chuva da noite anterior.

Eis que avistei a ilha e aqueles arbustos abandonados pelas folhas.

Aquele momento se fez solidão em imagem. Até marandou mais despacito.

E ali, junto com a solidão, o silêncio se fez imagem.

Querida, naquele dia meu estado emocional estava turvo como águas do mar revolto. Hoje, anos depois, noto que momentos como aquele fazem parte do viver.

Hoje, apesar do sol se esconder volta a meia atrás das nuvens, nesse inverno rigoroso, elas estão como eu gosto, parecem se mover rapidamente ensaiando a dança do céu celeste.

E eu aqui a observar o fluxo da pracinha e a pensar se tu já sentiste o barulho que faz o esfregar dos ténis na pedrinha de sabão. Se já viste como voam alto as irmãs mais velhas quando secompõem as mais novas no boliche. Como as na próxima carta.

Agradeço a possibilidade de compartilhar contigo imagens e palavras, que juntos constroem um lindo lapso no meu dia.

Abraços e brisas saudosas, Erony

Figura 15 – Carta redigida por mim como se fosse Erony (Foto: Bruna Elida)

Escrita em 07/06/2016, à tarde, na pracinha da esquina de casa.

Sol, inverno, nuvens caminantes.

Inspirada em:

Juan Lindolfo Grunwaldt - "La estación de los relojes cuerdos"

Manoel de Barros - "Compêndio para uso dos pássaros" e "Retrato do artista quando coisa"

Manoel de Barros:

Os silêncios me praticam.

Já enxergo o cheiro do sol.

Bom é compreender o silêncio das palavras.

Ao fazer vadiagem com letras posso ver quanto é branco o silêncio do orvalho.

A foto voou. Quase perdi.

[Imagem da criança correndo em direção ao carro e folhas voando] = Vento arrasta todos os recuerdos do meu pátio de lembranças [e minhas folhas de anotação também].



SEGUNDA CONVERSA: O MOMENTO

A vida ‘espiritual’ nos surge como uma constelação de momentos. Com grande entusiasmo adotamos esse símbolo. O dia da cotidianidade, seu claro-escuro, oculta a constelação de momentos. Porém, se algum contratempo sombrear o cotidiano, aí essa constelação surgirá no horizonte⁷. (LEFEBVRE, 1980, p. 347)

Antes do meu encontro com o arquivo de Erony, minha vida estava bastante formatada, quase como se eu vivesse dentro de uma caixa temporal.

Na época, eu trabalhava com produção televisiva e tinha minha rotina bem definida, executava vários trabalhos que julgava burocráticos e tentava quebrar um pouco esse marasmo propondo

⁷ “La vie dite “spirituelle” nous apparaît comme une constellation. Très volontairement nous adoptons ce symbole. Le jour de la quotidienneté, ce clair-obscur, occulte la constellation des moments. Qu'un trouble obscurcisse le quotidien, et la constellation monte à l'horizon.” [LEFEBVRE, 1980, p. 347]

(Todas as citações de Lefebvre provêm de uma tradução cedida por Maria Helena Bernardes).

projetos audaciosos que, a muito custo, eram aprovados e traziam algum respiro para o meu dia-a-dia. Trabalhava de segunda a sexta-feira nos turnos matutino e vespertino, cumprindo oito horas diárias. Chegava em casa cansada e com a energia tão consumida, que me deitava no sofá, assistia passivamente a qualquer coisa que estivesse passando na televisão e só levantava na hora de dormir. Do sofá para a cama, da cama para o trabalho, e assim, sucessivamente.

Em determinado momento, percebi isso e comecei a fazer movimentos para acrescentar momentos mais prazerosos e diferentes à minha rotina. Comecei a nadar e a fazer ginástica. Nadava diariamente antes do trabalho e ia à ginástica depois de sair dele. Foi em um desses retornos da ginástica para minha casa que me deparei com o arquivo de Erony jogado na calçada. Isso, que considerei como o encontro de um tesouro, pulsou forte dentro de mim e abriu uma espécie de fenda no meu caminho. Foi como se aquele momento tivesse se recortado da minha vida.

Ao me deparar com a definição trazida por Henri Lefebvre de “momento” em sua “Teoria dos Momentos” (concebida ao final dos anos de 1940 e publicada em “Crítica da Vida Cotidiana”, em 1961), encontrei a expressão exata da percepção que tive de meu encontro com o arquivo de Erony.

Lefebvre produz sua teoria como parte de uma profunda revisão crítica da vida urbana na sociedade industrializada e de massas, sendo um dos primeiros pensadores no século XX a chamar a atenção para a importância do cotidiano como território de tudo o que se produz na existência humana.

Ao examinar detidamente o tecido temporal onde transcorrem nossas vidas, o sociólogo francês chega à conclusão de que a intensidade com que se vivem certos segmentos da experiência comum a todos os humanos potencializa o significado do existir de um indivíduo ou de uma coletividade.

Assim, o “momento” (segmento cuja vivência é transformadora) é diferente do instante (mera fração de tempo cronológico). Em seu elogio ao cotidiano, Lefebvre, assinala que momentos brotam de instantes, são, talvez instantes em que estamos em estado de especial lucidez ou embriaguez, e que “todo o conteúdo dos *momentos* nasce da vida cotidiana de onde ele extrai os materiais ou o material que necessita”, sendo a originalidade do momento definida pelo conteúdo das circunstâncias.

O momento se insere no cotidiano de forma não a dilacerá-lo, mas a transformá-lo. Essa leitura teve um impacto profundo na compreensão do que se desencadeou a partir de meu encontro com Erony, que, sem romper a continuidade do cotidiano que eu vinha vivendo, mas alterando-o significativamente sem anulá-lo. O

encontro com os guardados de Erony foi uma interpelação do acaso que trouxe para a minha vida algo que não lhe pertencia. Isso, para Lefebvre, é um dos sinais da irrupção do momento, que se utiliza daquilo que não lhe é próprio para emergir em nossas vidas através daquilo que “que está ao seu alcance, o contingente, o acidental”.

A decisão de resgatar a vitalidade para a minha rotina parece ter aberto meu espírito para um encontro com algo especial, me despertando assim a sempre aberta – mas nem sempre visível – possibilidade de reinventar o cotidiano em busca de momentos e fendas que alteram caminhos e produzem sopros de vida.

A partir do encontro com o arquivo de Erony, os pensamentos, as ideias, as produções, passaram a girar em torno daquele material. Ali, iniciou-se uma aventura que a cada passo foi fazendo mais sentido, trazendo novas perspectivas de trabalho e acolhimento de tudo o que viesse pela frente, por mais aleatório que, à primeira vista, pudesse parecer. Passei a estar em estado de alerta, tudo que ocorria comigo parecia me remeter àquele material, à vida de uma mulher que eu jamais conhecera, mas que me despertava tanto interesse por ter tido a vida descartada no lixo, por esse lixo ter parado em minhas mãos, e por se tratar de poesia pura metamorfoseada em imagens. Essa incorporação constante de diversos eventos e acasos parece refletir a necessidade de dar sequência a esse momento que se irrompeu em minha vida:

Há, também, a urgência do momento e o acaso das circunstâncias, o momento se construindo como instância e necessidade, enquanto dura. Assim, o inventor de jogos, criança ou adulto, encontra sempre com que jogar à medida que se serve de tudo que está ao alcance da mão (ou dos lábios; ele joga com as palavras, quando já não dispõe de mais nada)⁸. (LEFEBVRE, 1980, p. 346)

EXATAMENTE O QUE EU FIZ

ACASO + JOGO

E assim, meu encontro com Erony suspendeu o tempo do relógio, fez emergir um momento do solo morno do cotidiano, irrompendo através das entranhas do acaso. Desde esse momento, passei a jogar com o acaso, convidando-o e o incorporando, de forma a potencializar o momento como um pico da própria cotidianidade, que

não se resume aos “momentos nulos”, no sentido que todos os momentos da aventura se lhe escapam. Nível da totalidade e precisamente privada de totalidade, a vida cotidiana não pode compreender os atos que se alçam como totalidade. Eles se pretendem como existências à parte e é

⁸ “Il y a aussi l’urgence du moment et les hasards circonstanciels, le moment s’érigeant en instance et en nécessité tant qu’il dure. Ainsi, l’inventeur de jeux, enfant ou adulte, trouve toujours à jouer en se servant de ce qu’il a sous la main (ou sur les lèvres; il joue avec des mots quand il ne dispose de rien d’autre).” (LEFEBVRE, 1980, p. 346)

precisamente nessa condição que eles alcançam todo seu esplendor.⁹ (LEFEBVRE, 1980, p. 355)

⁹ “Celle-ci ne se réduit donc pas seulement aux “moments nuls” encore que les moments entant qu’aventure lui échappent. Niveau dans la totalité et précisément privée de totalité, la vie quotidienne ne peut comprendre les actes qui s’érigent em totalité. Ils se mettent à part de la vie quotidienne; ou plutôt ils tentent de vivre à part, e c’est précisément ainsi qu’ils échouent dans leur splendeur.” (LEFEBVRE, 1980, p. 355)



QUARTO PASSEIO: TUDO É TRABALHO (CARONAS E PEQUENOS ACASOS DO COTIDIANO)

Recentemente, ao me ver em uma situação que minha mãe entende como de descanso, ela me cobra por não estar trabalhando, ao que respondo, frequentemente, que “tudo é trabalho”, lembrando de um texto do músico, Vitor Ramil, sobre ser artista, no qual ele cita Mark Twain:

A história é mais ou menos assim: Mark Twain, o escritor norte-americano, estava sentado na varanda de sua casa quando passou um vizinho e perguntou "Descansando, vizinho?", ao que ele respondeu "Não, trabalhando". Outro dia o mesmo vizinho o viu cortando a grama do jardim e perguntou "Trabalhando, vizinho?", e Twain respondeu "Não, descansando". (RAMIL, 2016)

Trago essa reflexão para introduzir um episódio que me parece atestar que certo tipo de experiência artística realmente não tem bastidores: tudo é trabalho, o tempo inteiro.

Estava ajudando na administração da pousada de minha mãe, na Praia do Rosa, quando conheci duas meninas que lá estavam hospedadas com seus pais e acabei me apegando muito às pequenas Juli, de 10 anos, e Paz, de quatro anos.

Estávamos nos balançando nas confortáveis redes em formato de cadeira em frente à pousada, enquanto Juli me contava detalhadamente o enredo de seu seriado de televisão preferido. A mãe dela nos interrompeu:

– Ai, Juli... a Bruna não deve estar interessada nisso! – mas respondi que a pequena poderia continuar contando a história, que se seguiu assim:

Três irmãs moravam em uma casa e resolveram ir até o sótão, aonde fazia muito tempo que não iam. Só uma delas, contudo, teve coragem de aventurar-se e, ao desbravar o sótão, encontrou o livro de bruxarias da avó dentro um baú. A partir desse achado, as irmãs se transformaram em bruxas.

Segui ouvindo o restante da narrativa de Juli, mas essa passagem sobre o sótão me fez lembrar de um texto que escrevi há muito tempo, sobre uma menina que encontrava um baú em um sótão e, quando o abria, descobria que, magicamente, poderia ir para qualquer lugar em qualquer tempo.

A história envolvendo meninas, baús e bruxas não parou aí.

Tenho por hábito dar carona a pessoas que viajam entre Florianópolis e Porto Alegre, seja na ida ou na volta de meus deslocamentos entre essas duas cidades. Nesses trajetos, costumo relatar episódios envolvidos em meu trabalho em torno do arquivo de Erony na esperança de que as pessoas que viajam comigo possam ter informações interessantes para me passar, já que várias delas vivem em Santa Catarina. De fato, em duas viagens, passageiros me forneceram contatos de conhecidos que tinham algum nível de relação com o conteúdo da minha pesquisa.

Em certa viagem, ao contar a história envolvendo Juli a meu caroneiro, ele me perguntou quantos anos eu tinha na época em que escrevi o texto sobre a menina e o baú. Comentei que havia sido em um ano marcante em minha infância, pois havia mudado de escola enquanto cursava a quinta série. Com essa referência em mente, concluí que tinha dez anos à época do texto. Meu passageiro, então, sinalizou que a Juli tinha a mesma idade quando entrou em contato com a fábula das meninas e o baú mágico. Segundo ele, isso representaria uma possibilidade de por ao encontro a adulta que sou hoje com a criança que fui aos dez anos. Na época dessa carona, procurei pelo texto de minha infância na casa dos pais meus em Lajeado, mas ainda não o encontrei.

Em outra ocasião, um passageiro sugeriu que o buscasse no camping em que se encontrava alojado, o que me fez imaginar tratar-se de um jovem. Quando passei para pegá-lo, notei que estava completamente equivocada: o homem deveria ter a idade dos meus pais, em torno de cinquenta e poucos anos, mas levava uma vida diferente da que normalmente levam as pessoas dessa faixa etária. Aliás, ele não havia apenas passado suas férias em uma barraca, mas havia morado no camping. Era bastante desapegado e contou que, ao partir, doou sua barraca para outra pessoa. Conversando durante a viagem, notei que era uma pessoa muito inteligente e bem informada: uma fonte impressionante de conhecimento. Ao saber que ele era professor, imaginei que lecionasse história, dado o conhecimento que detinha sobre essa área. Novamente eu estava enganada: meu amigo era professor de matemática.

Contei sobre a pesquisa que vinha fazendo e logo entramos no assunto do naufrágio em Garopaba. Sobre isso, o professor prontamente me indicou duas pessoas a contatar: Manfredo Hübner, militar e fotógrafo que morava no centro histórico e um antigo pescador, provavelmente já falecido, mas com cujo filho eu poderia conversar.

Localizei Manfredo no Facebook, adicionei-o, enviei uma mensagem, mas ele nunca respondeu. Provavelmente não viu a

mensagem. Pensei, então, em seguir o conselho de meu caroneiro que me havia sugerido perguntar pelo paradeiro do militar no centro de Garopaba.

Um dia, minha mãe me convidou para acompanhá-la até a Praia da Ferrugem para visitar um hostel anunciado para arrendamento. Lembrei-a de que hostels não são um bom negócio e que considerava perda de tempo irmos até lá, mas como ela já havia agendado a visita com uma corretora, fomos. Chegamos no ponto de encontro combinado, mas não havia sinal da corretora. Por telefone, comunicou que se atrasaria em uma hora. Diante dessa falta de consideração, minha mãe decidiu não esperar e decidimos procurar por Bruno que, em outra ocasião, nos mostrou pousadas para arrendar na Praia do Rosa.

Enquanto aguardamos Bruno retornar de uma saída, fiquei olhando revistas espalhadas sobre uma bancada de vidro em seu escritório. Havia vários catálogos repletos de fotografias bem produzidas anunciando imóveis em condomínios luxuosos. No meio delas, encontrei uma revista cuja capa mostrava uma foto antiga de Garopaba. Ao buscar a matéria de capa, me deparei com uma referência a Manfredo Hübner ao lado do pescador Domingos

Ribeiro, conhecido como Seu Mingote, as mesmas pessoas indicadas pelo professor de matemática a quem eu havia dado carona. Sentei-me para ler a matéria que relatava a transformação de Garopaba nos cinquenta anos de sua emancipação. Era narrada uma experiência vivida por Manfredo e Seu Mingote: eles se conheceram no verão de 1967, quando fizeram um escambo envolvendo um terreno de frente para o mar que o pescador doou ao militar.

Quando Bruno voltou, me deu de presente a revista e eu voltei a afirmar para minha mãe:

- Viu como tudo é trabalho? Um simples passeio até a Ferrugem para tratar de um assunto teu me trouxe até essa revista!

Novamente, me vi na estrada dando carona a uma passageira que, ao ouvir atentamente minha narrativa sobre a pesquisa, manifestou espanto pelo fato de as pessoas descartarem tão levianamente fotografias e pertences que remetiam ao passado de outra pessoa. Seu espanto se justificava: ela cursava, justamente, Conservação do Patrimônio Histórico no Instituto Federal de Santa Catarina, em Garopaba. Passou-me o nome do professor Viegas que, segundo ela, poderia saber mais sobre a história de Garopaba

e também me ajudar posteriormente com o destino desse material que possui valor histórico. Ela anotou o nome dele no meu bloco de notas do celular.

Na época em que dividia apartamento com meu amigo Marco, ele me recomendou um livro de um escritor de quem gostava muito: Daniel Galera. Emprestou-me sua edição de “Até o dia em que o cão morreu”. Li, imediatamente, e adorei, mas nunca mais voltei a procurar outro escrito do autor. Anos depois, em uma conversa com Marco ele me perguntou se eu já tinha lido “Barba ensopada de sangue”, também de Galera. Respondi que não e ele disse que seria importante eu ler, pois a história se passa toda em Garopaba. A partir desse momento, passei a ter uma série de encontros com o livro. Deparei-me com ele na Feira do Livro de Buenos Aires, mas não o comprei por estar muito caro.

Pouco tempo depois, soube que Daniel Galera realizaria uma palestra em Garopaba cujo tema era “Garopaba como cenário literário”. Ao me informar, soube que a palestra ocorreria no IFSC, o mesmo local indicado pela estudante a quem havia dado carona e que me recomendara contatar o professor Viegas. Essa, como outras coincidências que marcaram minha aventura, me

surpreendeu pela benéfica sincronia entre os fatos: qual seria a probabilidade de Galera vir falar sobre um livro lançado há cinco anos no momento em que realizo esse trabalho e exatamente nesse local?

Durante a palestra, soube que o personagem principal do livro, que eu ainda não havia lido, se muda para Garopaba para descobrir o que aconteceu com o seu avô, que teria vivido e morrido na cidade, me remetendo às vezes que eu percorri a cidade de Garopaba em busca dos lugares que Erony fotografou, e, também, de sua casa. Para minha surpresa, o protagonista sofria de uma patologia que lembra minhas reflexões sobre memória e visão parcial na fotografia, visto que ele sempre esquece os rostos das pessoas¹⁰.

Após a fala de Galera, um jovem presente na plateia contou que conheceu alguém mencionado no romance de Galera e que ele

¹⁰ Eu sou incapaz de reconhecer rostos. Por isso não percebi que era tu na praia. Nem ali no bar hoje.

(...)

Eu não consigo reconhecer nenhum rosto. É uma doença neurológica.

Ela para e fica olhando pra ele.

Olha bem pra minha cara, diz apontando para o próprio rosto. Tu não tá vendo?

Tu não vê minha boca, nariz, olhos? É isso?

Eu tô vendo. Mas não vou gravar. Meu cérebro não guarda o conjunto. Tenho uma lesão cerebral bem na parte que reconhece rostos humanos. Se tu sair de vista eu vou esquecer do teu rosto daqui a cinco minutos, ou dez, ou meia hora com muita sorte. É inevitável. (GALERA, 2012, 76-77)

levou essa pessoa para percorrer os caminhos descritos no livro, incluindo um morro que é cenário de um dos momentos ápices do livro.

Quando o evento terminou, comprei o livro e aguardei na fila para os autógrafos. Aos poucos, o saguão do IFSC foi esvaziando. Como eu estava com muita vontade de ler o romance, sentei-me em uma mesa do café localizado no saguão e comecei a leitura imediatamente. De repente, ficaram pouquíssimas pessoas nesse espaço. No café, apenas duas mesas estavam ocupadas, a minha e a de trás, na qual dois homens conversavam. Lá pelas tantas, percebi que um deles era o professor Viegas. Fiquei esperando por uma pausa no diálogo para poder abordá-lo, mas ela não aconteceu.

Olhei ao redor, restavam apenas outras duas pessoas em pé conversando, uma delas era o moço que se manifestou durante a palestra. Pensei que seria interessante conversar com ele já que parecia conhecer bastante o território. Esperei a pausa na conversa deles, me apresentei e contei sobre a pesquisa. Ambos sabiam da existência do navio naufragado e confirmaram que realmente se localiza na Praia da Vigia. O amigo do moço da palestra disse que conhecia alguém que poderia ter mais informações sobre o naufrágio.

Acabei me distraíndo com a conversa e, quando terminamos, o professor Viegas já não estava mais sentado na mesa de trás, talvez tivesse ido ministrar uma aula, de forma que não o procurei naquele dia.

Mais tarde, tentei me comunicar com os dois moços pelos endereços de e-mail que me cederam, a fim de obter o contato da pessoa que poderia saber sobre o naufrágio, mas até hoje, não me responderam.



TERCEIRA CONVERSA: O ENCONTRO FLUTUANTE

O poeta está trabalhando

Durante todas as andanças a que essa investigação do material de Erony me levou, um dos momentos mais significativos além do achado do arquivo e de todas as coincidências posteriores, foi o meu encontro com os artistas do movimento surrealista, principalmente com André Breton, líder do movimento, e Nadja, uma mulher que não tinha ligação com a arte e com nenhuma outra categoria ou profissão específica, e que se resumia a viver os dias, segundo ela, como “uma alma errante”. Em um encontro fortuito¹¹,

¹¹ A disponibilidade para os mistérios da cidade – que o surrealismo herda do *flâneur* de Baudelaire e do poeta em *état de surprise* de Apollinaire – será decisiva para o aparecimento de um tópico central do movimento: a noção de “encontro fortuito”. Centra também em *Nadja*, ela traduz um dos fundamentos da atividade do grupo, dando origem à ideia de “acaso objetivo”, que Breton cria inspirado nas teses de Hegel em torno do “lugar geométrico das coincidências”. Na base de tal conceito está o desejo de confrontar o acaso e a necessidade, visando a investigar as ocorrências subterrâneas que precipitam os encontros significativos. (MORAES, 2007, p. 9)

Breton conheceu Nadja casualmente, durante uma perambulação em Paris, no entre guerras, e ela passou a acompanhá-lo, de certa forma, a instruí-lo, na perseguição ao Maravilhoso¹² com “aquela leveza (e liberdade) que só vi nela”. (BRETON, 2007, p. 70).

Em muitos momentos durante a pesquisa, questionei-me sobre a metodologia que vinha praticando intuitivamente na pesquisa, ao acolher fatos estranhos ao percurso ou trazidos pelo acaso. Essa inquietação se dissipou ao passar a me dedicar à leitura dos escritos surrealistas, principalmente *Nadja* (1927), de André Breton e *O Camponês de Paris* (1926), de Louis Aragon. Os dois romances, referências históricas para a prática deambulatória¹³

¹² A definição concebida por Baudelaire em sua teoria de arte moderna e, resgatada por Breton no centro de sua estética, encontra entendimento no maravilhoso como resultante de um "esforço transfigurador do sujeito" de onde se tem "o belo extraído do circunstancial", conforme mencionado pelo autor “em Heroísmo da vida moderna, parte final do Salão de 1845, (no qual) Baudelaire escreve: — ‘A vida parisiense é fecunda em temas poéticos e maravilhosos. O maravilhoso nos envolve e nos sacia como a atmosfera; mas não o vemos’.” (VERAS, 2011, p. 3-4)

¹³ Entre as práticas da caminhada como metodologia na arte desde o Modernismo, encontram-se pelo menos três conceitos: a prática da *flânerie*, como a concebeu Charles Baudelaire no século XIX, entendendo-a como caminhada pela Paris já modernizada por Haussmann, passeios nos quais o *flâneur* se expõe à cidade para beber a eletricidade da multidão com a sofreguidão de um convalescente que volta a se alimentar após ter estado à beira da morte; a deambulação surrealista na década de 1920, praticada sobretudo por Louis Aragon (*Camponês de Paris*, 1926) e André Breton (*Nadja*, 1928) - exercício de longas caminhadas ou deslocamentos (alternados em trem, a pé, de automóvel) sem destino pré-definido, cujo interesse residia em manter um estado de disponibilidade perceptiva para os elementos, experiências, parcerias e descobertas trazidos incidentalmente pelo acaso. Por fim, a deriva situacionista

como metodologia poética instaurada pelos surrealistas, contribuíram para reafirmar a metodologia aberta que adotei na pesquisa, disponível a acolher direções, encontros e associações casuais.

O pensamento surrealista acerca do exercício da intuição e dos jogos com o acaso impactava-me por meio de instruções como: “prossiga enquanto sentir vontade de fazê-lo. Confie no caráter inesgotável do murmúrio”. (BRETON, 2001, p. 45). “Deixa-te conduzir, os acontecimentos não consentem que os retardes”. (BRETON, 2001, p. 27). Essas frases passaram a ser quase mantras, que eu repetia sempre que me sentia insegura.

Em certo ponto da investigação a partir do arquivo de Erony, notei que uma rede havia se formado, uma rede que a tudo parecia capaz de abarcar, incorporando fatos e pessoas, relações e informações que me chegaram durante o intervalo em que estive envolvida com o trabalho. Com o tempo, a imagem dessa rede passou a servir como uma metáfora que ilustra a estrutura do meu

que descende da perambulação surrealista, mas que, diferente daquela, é parte de um programa voltado para a proposição de uma nova cidade (crítica ao urbanismo funcional de Le Corbusier), participando de uma metodologia (Psicogeografia) visando ao conhecimento psico-afetivo da cidade. Das três definições, encontro na perambulação surrealista a mais próxima pelo estado de disponibilidade e pela inclusão no conceito de deslocamentos por outros meios, (que não exclusivamente a pé) e paisagens (que não exclusivamente urbanas), critérios envolvidos na *flânerie* e na deriva.

processo de investigação e de criação. Nessa estrutura, produzo conhecimento sobre o universo de Erony, “fabulando” conteúdo para suas lacunas. Imersa nessa busca, não me limito apenas ao instrumental do campo da arte – embora esteja em uma experiência artística – mas, aceito que cadeias de acontecimentos não lineares se produzam e despejem conteúdo do qual a rede se ocupará em extrair sentido.

Assim, elementos aleatórios, fortuitos, conectam-se através do meu olhar e do meu repertório de interesses. Eles próprios – olhar e repertório pessoais – também estão expostos às mudanças de direção e aos encontros proporcionados pela estrutura em rede dos acontecimentos.

Essa experiência artística configurada como processo em rede é autogerativa, ou seja, os elementos levam uns aos outros de forma imprevisível, não atendem a um protocolo pré-estabelecido. Ela pode ser infinita e, portanto, não cessar de produzir significados. É uma estrutura que escapa da lógica que usualmente separa arte e vida, sujeito e objeto, processo e produto. Não é possível distinguir obra e processo, pois nesse processo inexistente a pureza da segmentação de categorias. Nesse trabalho não existe um espaço que se identificasse como “*making of*” de uma ação artística: o que é incorporado à rede existe no mesmo plano de valor que os demais elementos.

Não sendo processo, nem produto, a rede é um ambiente conectivo em expansão que possibilita uma permanente reinvenção de sentidos. Uma “rede-trabalho” permanentemente aberta para captar novos elementos, seja uma conversa com crianças em uma tarde à beira-mar ou com passageiros que transportei em minhas viagens; sejam cartas antigas trocadas por meus pais ou o conteúdo de meus próprios sonhos. Enquanto estive imersa na investigação, tudo parecia se relacionar com a pesquisa e com o arquivo de Erony. É como se eu estivesse permanentemente em estado de alerta e disponibilidade¹⁴.

Muitas vezes essas incorporações não se davam no sentido vertical, ou seja, como um aprofundamento em uma única direção. Elas se espalhavam em muitas direções, sem respeitar uma lógica linear na produção de sentidos da história que eu perseguia. Nesse aspecto, essa maneira de trabalhar se relaciona ao que se poderia descrever como o estado de atenção flutuante com que os surrealistas se dedicavam à paisagem e aos fatos cotidianos em suas deambulações, recebendo-os e tratando-os com uma lógica igualmente flutuante.

¹⁴ “The principal value Breton retrieved from Dada was that it had created a “state of perfect readiness”. (LEGGE, 2016, p. 100)

Os literatos e artistas surrealistas construíram nos anos 1920 ferramentas para colher material poético em todas as manifestações perceptíveis pelo humano, incluindo-se os sonhos, a abordagem de um estranho em um banco de praça, o cardápio de um café na calçada e assim por diante. Em “O SURREALISMO: O último instantâneo de inteligência europeia”, Walter Benjamin traz o conceito de “iluminação profana” para comentar um estado de consciência limiar entre sonho e realidade atingido pelos surrealistas em suas deambulações:

Naquela época, porém, quando arrebatou seus fundadores em forma de uma inspiradora onda de sonhos, ele parecia ser o que havia de mais íntegro, definitivo e absoluto. Ele incorpora a si tudo que tocava. A vida só parecia digna de ser vivida onde o limiar entre vigília e sono fosse frequentado pelo vai-e-vem de inúmeras imagens flutuantes; (BENJAMIN, 1986, p. 107)

Sempre me considerei cética em relação a superstições e temas espirituais. Porém, a experiência com o arquivo de Erony deixou aberta a proposição de “tudo pode vir a ser!”, sem julgar, nem descartar o incompreensível, além de ter me feito atentar para a natureza de certo encadeamento de fatos que passei a acatar como aquilo a que Breton nomeou “petrificantes coincidências” - e que me permito mencionar novamente devido à sua importância para trabalho: em uma das cartas redigidas como se fosse Erony, escrevi

sobre ela ter sofrido de uma doença no útero, descobrindo tempos depois, por meio de uma testemunha, que Erony faleceu vítima de câncer nesse órgão. Desde então, passei a estar muito mais aberta, inclusive a questões cujo entendimento me escapam, como resume Eliane Robert Moraes na apresentação de *Nadja*:

Assim, passando do plano real ao imaginário como quem troca de calçada, o caminhante surrealista também se deixa levar por forças incógnitas, alheias a seu entendimento. (MORAES, 2007, p.9)

Em *Nadja* (1926), Breton descreve uma série de ocorrências inexplicáveis pelas vias da razão, como a afirmação de Nadja de que uma janela específica se iluminaria em vermelho no prédio em frente à praça onde se encontravam, dentro de exatamente um minuto – o que de fato ocorre¹⁵.

O livro traz implícita a transformação de Nadja-pessoa em Nadja-livro, uma passagem do vivido para o escrito, o entrelaçamento da vida e da escrita transmitida através de uma série de "rapprochements soudains" (petrificantes coincidências) e "invraisemblables complicités", (parcerias improváveis) e de onde surge uma

¹⁵ “Passa o minuto. A janela se acende. Há de fato, cortinas vermelhas. (Lamento que isto talvez ultrapasse os limites da credibilidade, mas nada posso fazer. No entanto, em semelhante assunto, gostaria de tomar partido: limito-me a concordar que, estando escura, a janela em seguida se acendeu, nada mais.)” (BRETON, 2007, p. 79)

“estética de convulsão”¹⁶. O discurso se desenvolve a partir de dois tipos de acontecimentos - “faits glissades” (objetos ou lugares que produzem uma sensação de algo sério, essencial) e “faits précipices” (uma combinação de circunstâncias que escapam à compreensão) - ambos visando capturar o imprevisto e o aleatório no próprio fazer, divergindo, assim, do pré-estabelecido, racionalmente pensado.”¹⁷ (PIER, 2015, **tradução nossa**)

“Não existem passos perdidos”, ensinou Nadja a Breton e me inclino a concordar com ela quando penso sobre a aventura que eu própria vivi.

Não sei por que é pra lá, de fato, que meus passos me levam, que vou pra lá quase sempre sem objetivo determinado, sem nada decisivo a não ser esse dado

¹⁶ Na última frase do livro *NADJA* se lê: “A beleza será CONVULSIVA, ou não será”. (BRETON, 2007, p. 146)

¹⁷ The work is underlain by the transformation of Nadja-person into Nadja-book, a passage from the lived to the written, the intertwining of life and writing conveyed through a series of “rapprochements soudains,” “pétrifiantes coïncidences” and “invraisemblables complicités” and out of which there emerges an esthetics of convulsion. The discourse develops along two types of facts – “faits glissades” (objects or places that produce a sensation of something serious, essential) and “faits précipices” (a combination of circumstances escaping understanding) – both aimed at capturing the unforeseen and the random in the making, thereby diverging from the pre-established, the rationally thought out. (PIER, 2015)

obscuro de saber que ali vai acontecer isto (?).
(BRETON, 2007, p. 40)

Munida de novas lentes para a vida e para a arte, aportadas a partir do encontro com Erony, vivenciei essa pesquisa deixando que o próprio arquivo me guiasse através das pistas legadas por Erony, como o mar que ela amava e o navio encalhado presente em tantas de suas fotografias e que despertou em mim o desejo de, literalmente, mergulhar a seu encontro.

Trata-se de fatos com um valor intrínseco pouco verificável, sem dúvida, mas que, por seu caráter absolutamente inesperado, violentamente incidental, e pelo gênero de associações de idéias suspeitas que despertam, são um modo de nos fazer passar das filandras à teia de aranha, ou seja, ao que seria a coisa mais cintilante e graciosa do mundo, não estivesse a aranha no canto, ou ali perto; trata-se de fatos que, ainda que sejam simplesmente constatados, a cada vez apresentam todas as aparências de um sinal, sem que possa dizer ao certo que sinal; que fazem com que, em plena solidão, eu descubra cumplicidades inverossímeis, que me convencem de minha ilusão toda vez que acredito estar sozinho ao leme de um navio. (BRETON, 2007, p. 27)

Antes de adentrar nas ondas desordenadas da sequência de sonhos que invadiram minhas noites suscitados por acontecimentos e leituras desenvolvidos durante a pesquisa, deixo uma pequena ode ao Maravilhoso, uma advertência ao fantasma da razão:

De agora em diante, o que a razão viria fazer aqui? Razão, ó fantasma abstrato da vigília, eu te expulsara já de meus sonhos, [...] Em vão a razão me denuncia a ditadura da sensualidade. Em vão ela me previne contra o erro, que aqui reina. Entre, senhora, este é meu corpo, este é seu trono. Adulo meu delírio como um lindo cavalo. (ARAGON, 1996, p. 40)



QUINTO PASSEIO: OS SONHOS

Em dado momento estava tão conectada com a pesquisa que comecei a sonhar com Erony. Segui o instinto e o murmúrio que me dizia para atentar também aos indícios do inconsciente. Assim, meus passos surrealistas permitiram que também os sonhos fossem incorporados à rede móvel e em expansão de minha aventura no mundo de Erony.

Ao acordar dos sonhos, não importa a hora que fosse, passei a gravar minha voz no celular contando o que tinha acabado de vivenciar durante o sono. Algumas vezes também fazia anotações.

(E eu, que sempre gostei muito de dormir, passei a gostar mais ainda, pois me sentia trabalhando).

No Manifesto do Surrealismo (1924) encontrei a seguinte passagem, que me pareceu perfeitamente ajustada àquele momento da pesquisa: “Conta-se que, em época não distante, o poeta Saint-Pol-Roux diariamente, antes de adormecer, mandava afixar um

aviso à porta de seu solar de Camaret: O POETA ESTÁ TRABALHANDO”. (BRETON, 2001, p.28).



SEGUNDO DEVANEIO: DIÁRIO DE SONHOS¹⁸

Nova gravação 4

17/05/17 00:02:10

4:20 DA MANHA

Eu já estive na casa dela? Sonho.

Eu queria levar uma materialidade dela.

Era como se eu conhecesse a casa.

Eu estava escolhendo móveis pra levar embora.

¹⁸ A fim de preservar a espontaneidade da transcrição da narrativa do sonho, no meio da madrugada, em estado de semivigília, os textos a seguir não foram submetidos a qualquer tipo de revisão.)

Era como se nós morássemos ali.

Era uma casa grande, cheia de móveis um do lado do outro, inutilizados. Eu dizia pra minha mãe que eles não iam se dar conta, porque afinal já tinha morrido. E total o filho se desfez de tudo. Então, daqui a pouco tudo se confundiu e eu pergunto pra minha mãe “mas eu já tive na casa dela?”. Aí o sonho acaba. Aí eu começo a me dar conta que eu ainda não tive na casa dela, eu ainda não achei a casa dela.

Mas no sonho era como se eu morasse ali, era como se fosse a pousada arrendada da mãe ali, e eu tava até pensando em alugar um caminhão pra tirar as coisas dali. E acordei.

(PAUSA)

Em um dos armários, eu achei um envelope que tinha uma bolinha dentro e que dizia que era pra eles

abrirem em junho de 2016, mas eles não viveram até ali pra abrirem aquilo ali.

Anotação em papel: Acordei com uma ideia perfeita de texto na cabeça. Quando fui gravar, ela sumiu.

6

17/05/2017 00:01:06

De repente, o telefone tocou. Era alguém avisando que ia vir assaltar a gente às onze da noite. Eu não dei bola, achei que era um trote. Onze da noite, chegou um grupo bem grande de gente, que ao descer da van já foram colocando máscaras pretas, nos fundos de casa, e eu tava com a porta aberta. Eu fui fechar a porta e não consegui e eles disseram “a gente vai assaltar vocês. Eu disse “Aí, tudo bem. Podem entrar”. O homem hesitou e disse “Como assim? Assim tão fácil!”, eu disse “Sim, é que eu não consigo fechar a porta direito. Aí

eles tiveram que revelar que era uma brincadeira. Era um grupo de teatro itinerante (risos abobados de sono).

Hum. Antes de começar essa história, eu preciso colocar que eu preciso visitar a casa dela, conhecer a casa dela. Ahhhh....

Nova gravação 5

17/05/2017 00:00:36

Junho de 2016 seria mês que vem, se não fosse 2017. Junho de 2016 foi o mês que a Joana fez dez anos, a mesma idade da menina que me contou que eu escrevi um texto. E no sonho eu pensava no João, que era o filho que tinha botado tudo fora. Eu dei esse nome pra ele por ser o masculino de Joana.

Nova gravação 6

O texto não vinha em ordem linear na minha cabeça.

Minha mãe apoiou minha loucura, meu pai não. Meu pai não queria que eu fizesse isso. No whats, a gente tava no grupo da família e a Dani disse “quem se interessava pela Pietra”. A Pietra tinha ido morar em Milão. Eu não conhecia a pessoa que tava perguntando por ela.

Hum...

O resto eu já esqueci. Eu tô exausta, eu quero dormir, mas não para de vir coisa na minha cabeça.

Nova gravação 7

17/05/2017 00:00:51

Sonhar com os móveis, me lembrou que eu estive frente a frente com o sofá e não fotografei ele. Tentei lembrar dele e ele parecia cinza, mas agora acho que ele era creme. Tava ensolarado naquele dia e o sofá tava exposto bem na frente do brique, na calçada. Deve ter vendido super rápido. Quando voltei pra casa alguém parecia ter varrido aquele lugar onde tava o lixo, já

não tinha mais quase nada, só uma caixinha com tampa verde com alguns slides dentro, que eu não tinha recolhido, aí nesse momento, eu recolhi de novo.

Nova gravação 8

17/05/2017 00:00:43

Meu pai não queria deixar eu levar os móveis, parecia roubo.

(Pausa)

Escutei um barulho, fiquei com medo. Achei que alguém fosse entrar na casa e roubar minhas coisas. Pensei onde será que tá meu computador. Tava aqui do lado. Pensei “ainda bem, assim não vão levar meu material da dissertação”, ouvi outro barulho, lembrei que eram os animaizinhos que moram no alçapão (era pra ser no forro).

Nova gravação 9

18/05/2017 00:01:09

06:12

Acordei de um sonho. Já faz um tempinho a mais, mas peguei no sono de novo.

Meu tio Jorge viu umas crianças brincando com skate, resolveu andar de skate também. Resolveu descer o morro lá de casa de Lajeado. Era um morro bem grande. As crianças olhavam com cara de espantadas, não acreditando que ele fosse fazer aquilo.

Aí ele desceu.

Quando ele tava descendo, chegando lá no final do morro, tinha um caminhão grande branco atravessado horizontalmente na rua. E eu disse:

- Tio Jorge, o caminhão!

E o caminhão acertou em cheio no rosto, e ele caiu. Aí o meu pai foi ajudar ele a levantar, e tal, e a ver o que tinha acontecido, ele tinha machucado o rosto. Aí o meu pai foi botar um negócio, cuidar dele e tal. E eu entrei no caminhão, e no caminhão era como se eles tivessem achado um arquivo meu. Tinha um caderninho meu de 2006, com capa da Emília, que eu tinha feito. Tinha um monte de dvd's meus também. Era bem legal.

Nova gravação 10

18/05/2017 00:00:25

Ao entrar no caminhão me deparei com seis dvd's, três em cima, três embaixo, assim numa coluna grudados na parede, aí eu pensei "tem alguém aqui que tem o gosto muito parecido com o meu".

Hummm... se o Tio Jorge não tivesse feito essa insanidade, eu não teria descoberto esse arquivo.

Nova gravação 11

18/05/2017 00:00:07

Tô com dor de cabeça de novo.

Nova gravação 12

18/05/2017 00:00:33

Era um caderninho antigo com uma capa dura, de novo apareceu o número seis, porque era de 2006. Era da Emília. Esse final de semana quando eu tava em Lajeado, eu mostrei a Emília pra Joana, a Emília da mãe, bonequinha bem antiga que tava sem vestidinho, tava peladinha a Emília. A Joana que faz aniversário no mês 6.

Nova gravação 13

18/05/2017 00:00:11

Eu preciso descobrir quem achou esse arquivo dentro do caminhão, conversar com eles sobre como foi isso. Pena que é um sonho.

Nova gravação 14

18/05/2017 00:00:17

Essa rua tem quebra-mola. No sonho não tinha quebra-mola. Quebra-mola só na metade da rua. Coisa mais estranha que já vi.

Sensação de que se eu não gravar tudo que o sonho me despertou e tudo que apareceu eu vou me esquecer.

Nova gravação 15

18/05/2017 00:00:04

Aí as coisas tão vindo aos poucos.

Comecei localizando imagens do prédio em que Erony morou na página do aplicativo Google Maps. Depois, encontrei anúncios de apartamentos que estavam à venda no mesmo prédio, acompanhados de fotografias mostrando o interior dos apartamentos e do edifício. Ao olhar as imagens, pensava em quantas vezes Erony teria passado por aquela portaria, por aqueles corredores, imaginei-a tomando sol no jardim, sentada nos bancos marrons, em sua completa solidão. Me perguntei em que andar ela teria morado, se ela teria morrido naquele lugar e quem estaria ocupando atualmente a casa na qual ela passou tantos anos.



Figura 17 – Fachada do prédio onde Erony vivia
(Foto: imovelweb)



Figura 18 – Entrada do prédio onde Erony vivia
(Foto: imovelweb)



Figura 19 – Parte interna do prédio onde Erony vivia
(Foto: imovelweb)



Figura 20 – Fachada do prédio onde Erony vivia
(Foto: imovelweb)



Figura 21 – Fundos do prédio onde Erony vivia
(Foto: imovelweb)



Figura 22 – Pátio do prédio onde Erony vivia
(Foto: imovelweb)

Em meio a esses pensamentos, deparei-me com imagens de um dos apartamentos à venda que me sugeriram que aquele, sim, poderia ter pertencido a Erony, pois identifiquei sua personalidade nos móveis antigos, nas obras de arte e nos pequenos enfeites.

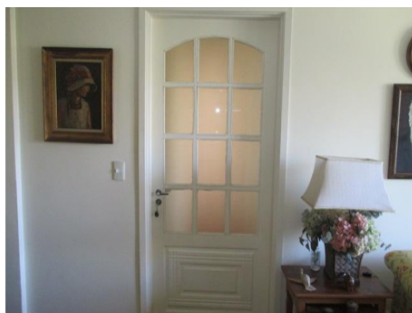


Figura 23 – Sala do suposto apartamento de Erony
(Foto: Viva Real Imobiliária)



Figura 24 – Sala do suposto apartamento de Erony
(Foto: Viva Real Imobiliária)

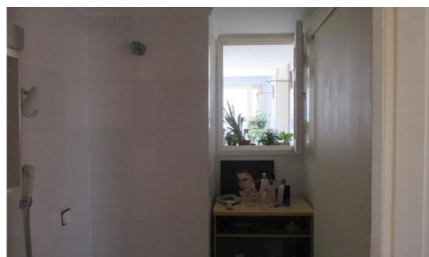


Figura 25 – Banheiro do suposto apartamento de Erony
(Foto: Viva Real Imobiliária)

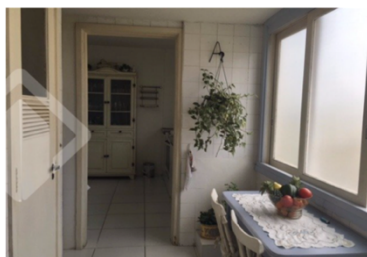


Figura 26 – Cozinha suposto apartamento de Erony
(Foto: Viva Real Imobiliária)



Figura 27 – Quarto do suposto apartamento de Erony
(Foto: Viva Real Imobiliária)

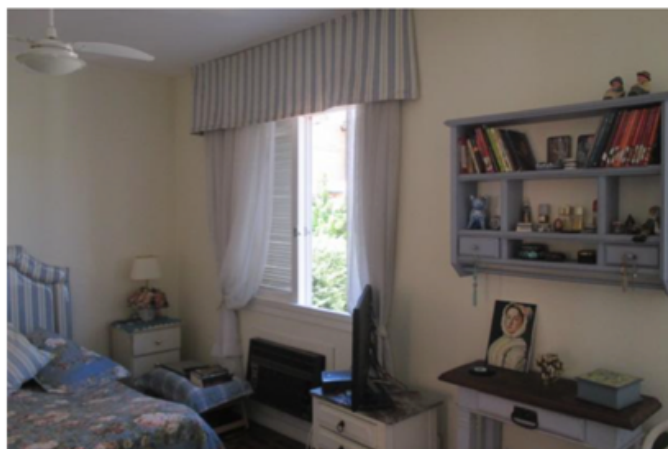


Figura 28 – Quarto do suposto apartamento de Erony
(Foto: Viva Real Imobiliária)

Segui vendo as fotografias que acompanhavam o anúncio quando, de repente, me deparei com a imagem de um armário encostado contra a parede de um ambiente amplo, com um pé direito alto: era o box da garagem pertencente ao apartamento que, em meus devaneios, identifiquei com a personalidade de Erony... Diante de meus olhos se materializava a imagem do sonho que tive com sua casa!

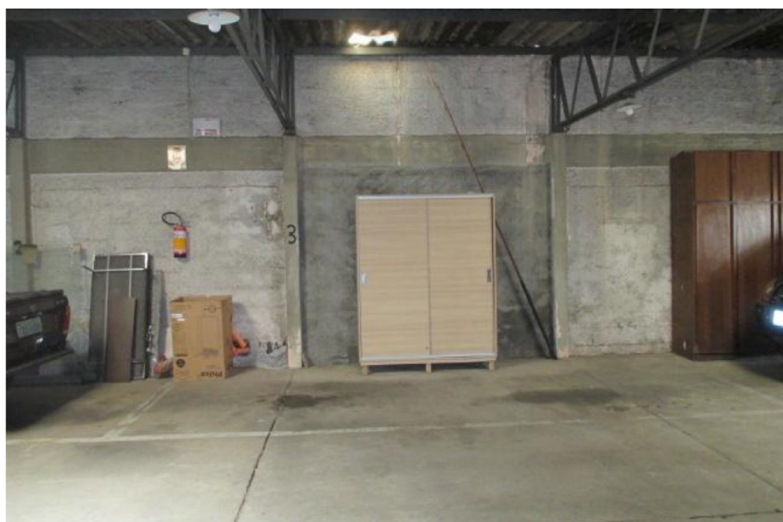


Figura 29 – Box de garagem do suposto apartamento de Erony
(Foto: Viva Real Imobiliária)



SEXTO PASSEIO: *CAPRICHOS E RELAXOS*

Certo dia, com a intenção de espairer lendo algo que não estivesse relacionado à dissertação, encomendei um livro na Estante Virtual¹⁹ do poeta Paulo Leminski, cujo título me pareceu interessante para o momento: “Caprichos e Relaxos”. Tempos depois, tendo chegado cansada de viagem e dormido durante a tarde, meu primeiro pensamento ao acordar foi se o livro não teria sido entregue em minha ausência. No escuro, caminhei até a frente da casa e espiei dentro da caixinha de correio e vi que o livro estava lá. Feliz, abri imediatamente o pacote.

Junto ao livro, encontrei um marcador de páginas no qual estava escrito “Que sua leitura seja doce, prazerosa, construtiva e que as páginas possam lhe trazer aquilo que procura...”, diante do que, pensei: “tomara!”, e, mentalizei o que eu gostaria que elas me

¹⁹ Site que reúne diversos sebos e livrarias para centralizar a compra e venda de livros usados ou novos.

trouxessem. O livro de capa dura, gasta e amarelada denunciava parcialmente sua idade. Ao abri-lo tive a incrível surpresa da noite: uma dedicatória que alguém chamado Carlos havia feito para si mesmo em 1988, ano do meu nascimento. Antes mesmo de ler a dedicatória, pensei que nisso reside a potência da compra de livros usados.

Tive um pouco de dificuldade de decifrar algumas palavras escritas por Carlos, mas lá pelas tantas, compreendi uma frase que dizia: “O mar é salgado e todos se banham” (em um primeiro momento, li “sagrado” ao invés de “salgado”). Dando início à leitura do livro, percebi que Leminski também mencionava o mar em três poemas.

O pequeno episódio me levou a pensar que, mesmo quando compro um livro com intuito de me desligar do trabalho e espairecer, também ele me leva de volta ao mar e, quando menos espero, vejo-o entrar no fluxo de minha investigação e dessa impossível separação do binômio arte/vida, que esse trabalho tanto reforçou em mim... E continuo seguindo os passos flutuantes e o “caráter inesgotável de todos os murmúrios” que me chegam, me extrapolam e me transbordam.

A mente é o mar de se
 abriga o, ainda. Vem
 sempre, mesmo, mais. O
 claro gosto, também faz
 o objeto - como o poema, não
 supõe a mesma -; o doce
 corpo! O mar é salgado e todos
 se banham.

Aí vem o tempo, entrando os peões,
 entrando as palavras. Aí vem o
 sacampo sonando e inflamando
 as amideias do fixo. Vem a
 dança, dança do novo...!;,.

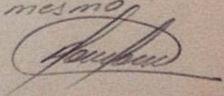
De você r/
 Você mesmo

 junho 188

Figura 30 – Dedicatória de Carlos para ele mesmo no livro de Paulo Leminski
 (Foto: Bruna Elida)

Carlos marcou:

a estrela cadente
me caiu ainda quente
na palma da mão

Leminski escreveu:

aqui

nesta pedra

alguém sentou
olhando o mar

o mar
não parou
pra ser olhado

foi mar
pra tudo quanto é lado

se
nem
for
terra

se
trans
for
mar



SÉTIMO PASSEIO: O NAUFRÁGIO

Na fase inicial desta investigação, quando buscava pistas no arquivo de Erony a respeito de sua vida, as fotografias de um navio naufragado me despertaram muito curiosidade, pois eram várias e tomadas a partir de diversos ângulos. Essa repetição parecia depor sobre a importância daquelas imagens, daquele momento, como se Erony ao ver o navio naufragado compartilhasse comigo tanto a curiosidade que eu tive ao ver o mesmo navio em suas imagens quanto a que eu tive ao encontrar o arquivo dela. Como se o momento em que Erony se deparou com o navio naufragado também houvesse se descolado de sua vida e produzido uma fenda, instituindo um antes e um depois, exatamente como quando eu encontrei seu arquivo.

Os slides das imagens do naufrágio não continham nenhuma indicação do local onde haviam sido feitas.

Lembrei que, tempos antes de encontrar o arquivo de Erony, meu companheiro costumava contar que, quando adolescente, ouvia seguidamente a história de um barco naufragado em Garopaba.

Sabendo que Erony tinha uma casa no mesmo balneário e que esses slides se encontravam próximos de outros que traziam imagens de Garopaba, concluí que poderia tratar-se do mesmo navio a que meu companheiro se referiu. Procurei informações sobre esse naufrágio na internet, mas nada encontrei. Minhas fontes sobre o assunto limitavam-se aos comentários de passageiros a quem dei carona e aos rapazes que conversei após a palestra do Galera. A partir do relato deles, descobri que esse barco de Garopaba está localizado na Praia da Vigia.

No Facebook, em um grupo chamado “Garopaba Séc XXI, encontrei essa imagem abaixo do navio que encalhou e afundou na Praia da Vigia, e ele era bastante diferente do navio que Erony fotografou.



Figura 31 – Navio que encalhou na Praia da Vigia, em Garopaba (Foto: Página Garopaba Séc. XXI no Facebook)

Naufrágios em Santa Catarina













	Alalunga VII 12/01/2008		Cidade de Belo Horizonte 28/09/1980
	General Salsas 07/07/1918		Guaratinga 21/06/1924
	Hydrus 22/03/1996		Jaguaribe 29/01/1833
	Laguna 24/10/1921		Lily 22/02/1960
	Mantiqueira 09/08/1942		Maria Ramos 01/01/1960
	Natal 27/02/1922		Nedlloyd Recife 02/03/1996

Figura 32 – Lista de naufrágios em Santa Catarina (Foto: Brasil Mergulho)












	Orion 21/08/1912		Oswaldo Aranha 01/04/1949
	Oxenholme 06/06/1894		Palas 25/09/1893
	Revesbydyke 08/09/1965		Santos Porto 01/01/1942
	Siderúrgica 8 18/04/1963		Tiradentes 05/08/1925
	U-513 16/06/1943		War Lynx 07/08/1944
	Ypiranga 25/11/1911		

Figura 33 – Lista de naufrágios em Santa Catarina (Foto: Brasil Mergulho)

Segui pesquisando na internet sobre naufrágios ocorridos no litoral de Santa Catarina. Encontrei uma lista deles no *site* Brasil Mergulho, porém, entre as imagens ilustrativas, nenhuma se parecia com o navio que Erony havia fotografado.

A busca seguiu ingrata durante mais um tempo, até que, finalmente, veio a recompensa: encontrei a imagem de um navio idêntico ao que Erony fotografou. A fotografia vinha acompanhada do nome da embarcação e indicava que ela havia naufragado em Laguna.

Confesso que o fato de o naufrágio não ter ocorrido em Garopaba, como eu imaginara, me decepcionou um pouco, mas ao ler sobre os mistérios que cercavam o caso da embarcação de Laguna, me empolguei novamente.

No *blog* em que estava a fotografia do barco, havia uma matéria narrando a história do navio e as tragédias que sucederam seu encalhamento na Praia do Gi em 1979. Dois episódios relatados despertaram minha curiosidade: o primeiro se referia à suspeita de que o comandante do navio teria encalhado o barco propositalmente com intuito de beneficiar sua empresa com o dinheiro do seguro. O segundo era o relato de que a embarcação se partiu e foi desaparecendo até o ponto de não restar mais nenhum vestígio visível fora d'água.



Figura 34 – Navio Malteza S, encalhado na Praia do Gi em 1979 (Foto: Antônio Carlos Marega)



QUARTA CONVERSA: O NARRADOR

Até o encontro com o arquivo de Erony, minhas produções artísticas normalmente partiam de experiências autobiográficas. Assim, em alguns momentos, estranhava o fato de estar trabalhando sobre a vida de outra pessoa, alguém totalmente desconhecido para mim. Para amenizar o desconforto, fui buscando estabelecer pontos de encontro entre Erony e mim. Acredito que o amor pelo mar tenha sido o primeiro elemento comum que se evidenciou entre nós duas. Outro aspecto que logo identifiquei foi o gosto por contar histórias (pois, para mim, Erony, de imediato, se afigurou como uma narradora – impressão que tive a partir de alguns materiais do arquivo, como os esboços de escritos, as cartas e postais que ela trocava com outras pessoas, além de algumas imagens que têm uma busca sequencial, evidenciando um caráter narrativo).

Desde criança, sou uma contadora de histórias.

Lembro-me de cenas em que eu era muito nova e, enquanto lavava a louça, imaginava diversas histórias e diálogos, como se aquelas cenas realmente estivessem acontecendo na cozinha de casa. Meus amigos me conhecem como uma contadora de histórias e, quando os encontro, logo me perguntam se tenho uma história nova. Às vezes, me apresentam para pessoas que eu não conheço e dizem “essa é a Bruna Elida, daquela história que te contei”, ou seja, meus amigos vão repassando as minhas histórias, gerando um fluxo infinito de narrativas. Chego a acreditar que me aventuro em certas situações só pelo prazer de poder contá-las depois.

Foi através do pensamento de Walter Benjamin, sobre a figura do narrador, que identifiquei a importância da narrativa nesse trabalho. Enquanto escrevo isso, lembro-me dos diversos interlocutores que escutaram, sempre atentos, as inúmeras narrativas derivadas dessa pesquisa, sempre estendendo a conversa com observações, percepções e indicações.

Da mesma forma que meus amigos repassam minhas histórias adiante, eu também sigo reproduzindo narrativas que ouvi de outras pessoas. Para escrever as cartas “de Erony”, vali-me de histórias contadas por outros e, na versão do texto digitada no Word²⁰, anotava, ao final da carta, a origem de cada história:

²⁰ Programa de editoração de textos do sistema Windows.

Carta: Lembrança da chácara

Escrita em: ?

Perdi o final da carta. Reinventei.

Reescrita em: 21/06/2016, na escrivaninha da sala, tomando um chá de camomila e comendo bolachas de cacau e avelã.

Inspirada em:

Livro de pré-coisas, Manoel de Barros

Histórias minhas, da mãe e da tia da Natália.

Benjamin pondera que o narrador pode aceder ao arquivo de uma vida toda, tanto de sua própria vida, quanto de outras pessoas, transformando em algo íntimo aquilo que soube porque alguém se dispôs a narrar. O dom do narrador é saber contar sua vida e a sua dignidade é contá-la inteira.

O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida. [...] O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo. (BENJAMIN, 1994, p. 221)

Benjamin compartilha com Valéry a intuição de que a mão entra junto no processo de narração:

(Pois a narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente,

com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito). A antiga coordenação da alma, do olhar e da mão, que transparece nas palavras de Valéry, é típica do artesão, e é ela que encontramos sempre, onde quer que a arte de narrar seja praticada. Podemos ir mais longe e perguntar se a relação entre o narrador e sua matéria – a vida humana – não seria ela própria uma relação artesanal. Não seria sua tarefa trabalhar a matéria-prima da experiência – a sua e a dos outros – transformando-a num produto sólido, útil e único? Talvez se tenha uma noção mais clara desse processo através do provérbio, concebido como uma espécie de ideograma de uma narrativa. Podemos dizer que os provérbios são ruínas de antigas narrativas, nas quais a moral da história abraça um acontecimento, como a hera abraça um muro. (BENJAMIN, 1994, p. 220-221)

Durante a pesquisa, fui contemplada por histórias das mais diversas fontes: do arquivo de Erony, que me permitiu ler sua experiência através da articulação dos temas de suas fotografias, da sinalização de seus escritos que, muitas vezes, nomeavam as imagens de forma literária, e, também, pelas narrativas de estranhos que chegavam até mim: Juli, a menina que me contou sobre sua série preferida, os passageiros, que me trouxeram um sem número de histórias, fossem fabulações ou fatos reais e que propulsionaram a experiência em novas direções.

Quem conta uma história compartilha conhecimento vivido, processado na experiência. Em “Experiência e Pobreza” (1933), Walter Benjamin, surpreso pela incapacidade narrativa que

acometeu vários dos soldados que sobreviveram à primeira Guerra Mundial, alerta para os riscos da supressão do hábito de contar histórias em nossa sociedade, exaltando a narrativa como uma liga social, um recurso fundamental de produção e transmissão de conhecimento: “Cada manhã recebemos notícias de todo mundo. E no entanto, somos pobres de histórias surpreendentes.”. (BENJAMIN, 1994, p. 203). Já no início de seu ensaio, Benjamin se pergunta:

Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (BENJAMIN, 1994, p. 114)

Todas essas perguntas poderiam ser recolocadas hoje, talvez de forma ainda mais eloquente do que na época de Benjamin. Embora não tenha a ambição de respondê-las aqui, arrisco supor que a permanência da narrativa tem encontrado fôlego na produção artística de nosso tempo. E é nesse segmento, de valorização da experiência errática, particular, não científica que caracteriza a vivência, que localizo uma das possíveis contribuições do trabalho que desenvolvi nessa pesquisa.



OITAVO PASSEIO: O MERGULHO

Inspirada na forte relação de Erony com o mar e, principalmente, instigada pela presença insistente do navio em várias de suas fotografias, algo “sussurrava” que eu deveria me aprofundar na história do naufrágio. Essa forte intuição me levou a decisão de aprender a mergulhar e tentar, por essa via, um contato mais próximo com o navio naufragado fotografado por Erony que, naquela época, eu acreditava ter encalhado na costa de Garopaba. Ao descobrir que as imagens de Erony eram de um barco naufragado em Laguna, mantive o projeto de mergulhar, movida pela vontade pulsante de encontrá-lo.

Mais tarde, em minha banca de qualificação do mestrado, inclusive em um ato falho lembro de ter dito, acidentalmente aos professores examinadores que “queria mergulhar e encontrar esse arquivo”. Em seguida, me corrigi: “esse arquivo não, esse navio”.

Era como se meu instinto seguisse murmurando:

MERGULHE

MERGULHE

MERGULHE

Então, no primeiro sábado de abril de 2017, acordei cedo para ir até a embarcação que me levaria até uma ilha para realizar meu batismo em águas abertas com uso de tanque de oxigênio. Não tinha muitas informações prévias sobre o passeio. Sabia apenas o horário e o local de saída.



TERCEIRO DEVANEIO – DIÁRIO DE BORDO

Ao pisar na areia, notei que ela ainda guardava resquícios da chuva que naquele momento havia se recolhido. A areia estava bem gelada. O mar tinha ondas baixas, bem características da praia em que eu estava: Jurerê. As ondas formavam semicírculos curtos na areia. A chuva voltou logo nos primeiros passos. Avistei quatro ilhas ao redor da baía. Naquele momento, não tinha a mais remota ideia à qual delas nos dirigiríamos. Logo descobri que nosso destino, a Ilha do Arvoredo, ficava a uma hora e meia da praia. Seria possível que nosso destino fosse uma das ilhas avistadas já que exigia tanto tempo para chegar?

Percebi alguns colegas tensos com a duração da viagem, mas eu estava tranquila, pois não costumo

enjoar. O mar é minha casa. Apenas uma hora e meia me separava da sensação de colocar os equipamentos e mergulhar.

fazer-me ao mar,

lançar-me ao mar,

transformar-me em mar,

ser-me mar.



A tripulação passou algumas instruções para a realização do mergulho, explicou sobre o uso dos equipamentos e os sinais de comunicação mais usados no fundo do mar.

Nesse momento, eu estava preocupada se teria sensação de pânico com a questão da respiração, mas logo surgiu outra inquietação, pois a tripulação anunciou uma mudança de destino. Fiquei pensando que o novo local não seria tão interessante quanto o anterior. Depois disso, aconteceu uma nova alteração de destino, até que o capitão desistiu de seguir viagem, pois o mar havia ficado muito agitado.

Impedidos de concluir a aventura, chamei essa primeira experiência que tive em busca do mergulho de experiência de não-mergulho.



O balanço das ondas era tão alto e intenso que parecia que o barco iria virar.

Sabia que a fotografia não daria conta de registrar a altura e ferocidade com que elas se chocavam contra o barco.



Figura 35 – Horizonte desalinhado em alto-mar (Foto: Bruna Elida)



Figura 36 – Horizonte desalinhado (Foto: Bruna Elida)



Figura 37 – Horizonte desalinhado (Foto: Bruna Elida)



Figura 38 – Horizonte desalinhado em alto-mar (Foto: Bruna Elida)

Posteriormente, olhando para as imagens percebi que minha total incapacidade de nivelar o horizonte comprovava a agitação do mar e do barco. Recentemente, ao selecionar imagens do arquivo de Erony para os impressos que acompanham essa dissertação,

notei que, em algumas delas, também se vê esse horizonte desalinhado.



Figura 39 – Horizonte desalinhado em alto-mar (Foto: Acervo Erony)

Nesse momento do trabalho, lembrei de uma imagem já esquecida por mim: a única fotografia que fiz a partir da sobreposição de duas imagens do arquivo – logo que o encontrei – na qual Erony está usando equipamento de mergulho, o que me fez pensar que, intuitivamente, essa questão já aparecia lá no início, antes mesmo de eu sequer imaginar que acabaria mergulhando. Agora, depois de todo esse percurso, parece que acabei realizando algo que provavelmente Erony tinha vontade de fazer, visto que

pelas imagens do arquivo apenas posso ter certeza de que ela mergulhou com snorkel (não atingindo grandes profundidades como quando se mergulha com cilindro de oxigênio).



Figura 40 – Sobreposição de imagens do acervo de Erony (Foto: Bruna Elida/Acervo Erony)

Sentia como se tivesse percorrido os passos dela. É como se os diários de mergulho, presentes nesse trabalho – com horizonte desalinhado – passassem a ser dela. Percebo que meu eu pesquisador começou a se misturar com Erony. Acredito que os resultados físicos dessa pesquisa, disponíveis dentro da caixa-objeto, reflitam essa perspectiva.

É como se as imagens dela fossem se misturando as minhas, até que em dado momento, não seja possível separar quem fez o quê, quem viveu ou fotografou o quê. De repente, através de um olhar mais atento – de quem passou dois anos trabalhando com esse material – percebi que, ao final desse processo, tanto eu quanto Erony temos imagens capturadas em alto-mar, dentro de uma embarcação. Imagens que se juntam, se mesclam, se fundem numa narrativa, misturando (ou confundindo) as autoras.

O mais surpreendente é que tudo isso aconteceu quando eu já tinha desistido de produzir imagens recriando o olhar dela propositalmente.



Figura 41 – Embarcação em alto-mar
(Foto: Acervo Erony)



Figura 42 – Embarcação em alto-mar
(Foto: Bruna Elida)



Figura 43 – Embarcação em alto-mar
(Foto: Acervo Erony)



Figura 44 – Embarcação em alto-mar
(Foto: Bruna Elida)

Semanas depois, na segunda vez em que saí de barco, com meus colegas e o instrutor, as condições do mar e do tempo indicavam que dessa vez seria possível realizar o mergulho.



Ao chegar na praia e ver o sol iluminando os barcos, tive certeza de que a experiência de mergulho seria diferente da outra vez. “O mar vai estar calmo e cristalino”, pensava.

Senti o calorzinho do sol e fui chutando areia, hábito que tenho desde criança, e que minha mãe até hoje não compreende, pois ela sai da praia com os pés limpinhos, sem nenhum grão de areia e os meus são pura “milanesa”. Não resisti à tentação de molhar os pés na água, que ainda mantinha um pouco da temperatura morna da noite.

Dessa vez, já foi mais fácil subir no bote que nos levaria ao barco. O barulho que faz o bote ao furar a água é bem agradável, aliado ao vento que bate contra o rosto.

Ao chegar na Ilha do Arvoredo, tive minha primeira experiência com snorkel. Levei um tempo para me acostumar com a forma de respirar, não entendia a

lógica da respiração, não sabia o que fazer, até que, entre tentativas e erros, fui descobrindo.

Vi vários peixes, de todos os tamanhos e cores. Uns nadavam rapidinhos e me lembraram da Tia Sônia, que, mesmo baixinha e de pernas curtas, caminha por toda a Cidade Baixa mais rápido do que qualquer outro transeunte; outros eram mais lentos, lembram mais o meu próprio ritmo de caminhar, como se estivesse sempre passeando.



Depois dessa experiência, chegou a hora de mergulhar com o cilindro. Logo, fiquei em pânico em virtude da respiração. Tive que colocar a cabeça dentro do mar e voltar a colocá-la para fora umas cinco vezes antes de criar coragem de começar a descer os oito metros que me aguardavam. O momento que os ouvidos sentem a descida é terrível, parece que uma grande agulha pontuda os está perfurando. Levei um tempo para conseguir equalizar.

Ao atingir dez metros de profundidade, algo fez com que meus óculos de mergulho ficassem quase totalmente embaçados. Pela primeira vez me encontrava submersa na imensidão do oceano, mas só conseguia enxergar através de uma fresta, pelo canto do olho direito, o que produziu enorme angústia e frustração..., mas, não pude deixar de pensar, foi a metáfora perfeita para o que considero ser a fotografia em relação a visão parcial.



Enxergava apenas com o canto superior do olho direito, o que fazia que eu tivesse que virar meu pescoço em um ângulo de 90 graus se quisesse enxergar algo que estava a minha esquerda, o que tornou meu mergulho bastante incômodo. O fato de isso acontecer quando estava totalmente impossibilitada de corrigir a situação (a menos que retornasse à superfície), me trouxe à memória certos apagamentos que considero inerentes à fotografia - e lá me vi, submersa, em meio a uma sessão de mergulho, trabalhando em minha pesquisa...

Em vários momentos, tive a sensação de que iria me desesperar devido a essa cegueira parcial. Tive que controlar meus pensamentos, pois tinha ímpetos de gritar ao instrutor que me levasse de volta à superfície.

Estar naquela imensidão sem ver quase nada me trazia a incômoda sensação de estar, o tempo todo, tocando o desconhecido.

Quase surtei quando o instrutor nos levou a uma passagem estreita, cercada por corais (acho que é o que eles chamam de galerias). Nesse momento, tive muita vontade de pedir para que ele me tirasse dali e me levasse de volta à superfície, mas consegui me controlar, decidindo esperar e, finalmente, conseguindo vivenciar essa experiência.



No dia do incidente com os óculos de mergulho embaçados, antes de sair de casa e ir até a embarcação que nos levaria à Ilha, percebi que não tinha pensando no equipamento que levaria para fotografar. Rapidamente, abri uma caixa de minha mudança onde estavam minhas câmeras e, intuitivamente, escolhi uma que nunca tinha usado. Constatei que só tinha filme ISO 800 em casa, mas, mesmo o dia estando bastante ensolarado, resolvi levá-lo.

Fotografei todo o trajeto com a câmera nova.

Para minha surpresa, ao revelar o filme, as fotografias apresentaram imagens parciais da paisagem, fazendo-me reviver a experiência no fundo do mar e me lembrando de que, enquanto estava lá embaixo, pensei que aquela obstrução da visão de alguma forma se relacionava a meu entendimento da fotografia.

Como a câmera que utilizei captura quatro quadros, ela segue capturando um pouco depois do clique (informação que eu não conhecia naquele momento). Então, enquanto ela ainda estava capturando a imagem, eu já estava fazendo outras ações – o que

explica como meus próprios gestos colaboraram para encobrir a imagem principal.



Figura 45 – Praia a partir de visão parcial (Foto: Bruna Elida)



Figura 46 – Alto-mar a partir de visão parcial (Foto: Bruna Elida)



Figura 47 – Equipamento de mergulho a partir de visão parcial (Foto: Bruna Elida)



Figura 48 – Alto-mar a partir de visão parcial (Foto: Bruna Elida)



Figura 49 – Morros em alto-mar a partir de visão parcial (Foto: Bruna Elida)

Passada essa primeira experiência, comecei a pesquisar escolas e orçamentos para realizar o curso básico e avançado de mergulho, visto que como minha intenção era mergulhar em naufrágios, precisaria atingir o nível avançado. Escolhi a escola

Parcel Centro de Mergulho, que está localizada na minha praia preferida: Cachoeira do Bom Jesus.



28/07/2017

No meio da tarde, pego o carro e vou até a Cachoeira do Bom Jesus, que antes de conhecer, quando via as placas sempre achava que era uma cachoeira, até o dia que descobri que era praia. A escola já ganhou alguns pontinhos comigo por estar localizada ali. Ao chegar no endereço marcado no GPS, estaciono o carro no pátio da escola. Logo vejo um homem que deve ter mais ou menos a minha idade falando em espanhol ao telefone. Ele está no pátio da escola e não parece dar muita atenção a minha presença. Olho para a casa onde fica a recepção, mas parece estar vazia. Entro para ver se aparece alguém. Interrogo “Ana?”, e ela sai de um outro cômodo da casa e vem gentilmente me

receber. Ela começa a separar o material de estudo (apostilas e DVD's) enquanto eu faço a transferência do pagamento do curso via celular. Combino o horário da aula no sábado, ela me diz para trazer toalha, pois entraremos na piscina. Indica que eu assista as partes 1, 2 e 3 das vídeo-aulas antes de vir no sábado. Se despede dizendo que vai abrir a porta para mim para que eu volte. Saio de lá contente e louca para ver o meu material.

Tenho que ir no local de trabalho da minha irmã entregar uma receita de medicamento que peguei para ela. Como ela não me responde o *whatsapp*, julgo que está em atendimento e espero dentro do carro, enquanto mato minha curiosidade e olho a apostila pela primeira vez. Ela é bastante colorida e parece bem detalhada, tem muitas tabelas, ilustrações, fotografias e exercícios. Logo me dá a impressão de que mergulho é algo bem mais complexo do que eu imaginava.

Nesse momento, lembro que eu não tenho aparelho para rodar DVD, e que na troca recente de computador, o novo veio sem entrada para DVD, algo que eu não

consigo compreender, visto que DVD ainda é algo usual para mim. Mando uma mensagem para a Aline, uma amiga que se mudou recentemente para Florianópolis e está morando na minha casa por enquanto. Ela não sabe se o computador dela tem entrada para DVD. Fico pensando que se o dela não tiver, não poderei assistir ao DVD antes da aula.

Ao chegar em casa, fui direto para o quarto da Aline ver o computador dela, por sorte tinha entrada. Apesar de ser da mesma marca que o meu, me compliquei um pouco para ligar, já que a configuração do *trackpad* era diferente e levei um tempo para descobrir. Coloquei o DVD enquanto o computador carregava. Porém, ele não reconheceu o DVD e também não consegui ejetá-lo. Tive que procurar tutoriais na internet para ejeção de DVD quando ele não ejeta normalmente. Fiquei uns 30 minutos nisso, já pensando que não daria certo. Mas depois de diversas tentativas, consegui ejetar. Inseri novamente e dessa vez funcionou. Deitei no sofá com meu caderno de anotações e comecei a assistir as aulas. Tinha um pouco de esperança de que fosse interessante,

mas era aquele tédio. Instruções e explicações em áudio aliadas a imagens bem produzidas em lugares lindos com pessoas com equipamentos novíssimos e reluzentes de mergulho. No final do módulo III eu já estava quase dormindo e sem condição alguma de assistir ao conteúdo até o final.

Deixei organizado o material para o dia seguinte, pensando que isso me renderia uns minutos a mais de sono, já que a aula começava de manhã. Fui dormir relativamente cedo porque uma das instruções que aprendi nas vídeo-aulas é estar descansado ao ir mergulhar.

29/07/2017 - Primeira experiência em águas confinadas

Quando cheguei, o mesmo homem estava falando ao telefone em espanhol como no dia anterior, parecia que o tempo não havia passado ou que ele não tivesse saído do lugar.

Ana me acompanhou até a piscina, que o instrutor ainda estava limpando e aparentemente estava bem suja, o que não me causou uma boa impressão.

Os equipamentos de mergulho estavam espalhados pelo deck e eram muito diferentes daqueles mostrados no DVD, os cilindros estavam descascados em completo contraste com os reluzentes das vídeo-aulas. Ana me apresentou para o instrutor Mário, um homem alto e excessivamente magro que tinha saliências estranhas na orelha esquerda, que depois de ficar observando durante um tempo, percebi que se tratavam de sementes de auriculoterapia.

Ana trouxe uma roupa e um saquinho para que eu colocasse nos pés, assim a roupa entraria com mais facilidade. Nesse momento já percebi que seria difícil colocá-la. Tivemos que puxar de um lado, puxar de outro e nada da roupa passar da perna. O instrutor Mário pegou um balde de água e veio em minha direção. Eu disse “tu tá brincando né?”, e ele disse “Não, a melhor forma da roupa entrar é molhada”. Quase congelei quando ele colocou água nas minhas pernas

dentro da roupa. As poucos ela foi entrando. Eu tenho azar com as roupas, sempre me dão a pior. Os outros alunos todos ganharam roupas que entravam facilmente.

Nos equipamos com cilindro, óculos, regulador, nadadeiras como se fossemos entrar no mar mesmo. Fomos até a borda da piscina e um a um fomos saltando na piscina com um grande passo a frente. Uma das colegas, cujo nome era bem complicado, então resolvemos chamá-la apenas de Si, disse que meu pulo foi engraçado, deve ter sido mesmo, afinal sou toda desengonçada. Os meus primeiros momentos na piscina foram horríveis, pois ela era toda desnivelada, nas bordas tinha um degrau e no meio era mais profunda, então ficava difícil se coordenar por causa das nadadeiras.



Figura 50 – Realização de exercícios em uma piscina (Foto: Agustín Giataganellis)

Na primeira vez que tive que ir para o fundo da piscina com o regulador, ainda tinha bastante pânico da respiração.

Ao ver a complexidade dos exercícios nos quais aprendemos a nos virar no mar caso aconteça qualquer problema, fiquei pensando que as escolas de mergulho são loucas levar pessoas que nunca mergulharam para fazer batismo sem ter todos esses conhecimentos.

Si ganhou um novo apelido: borda, pois como ela não sabe nadar ficava o tempo inteiro se segurando

nas bordas, o que dificultava a realização dos exercícios.

Estávamos em cinco alunos, o professor demonstrava o exercício embaixo da água e um por vez tínhamos que realizar, o que fez com que demorasse muito. Eu já estava com muito frio e precisando muito fazer xixi. Si comentou comigo que tinha feito vários xixis para se esquentar, eu disse “sua louca, quando tu sair tua roupa vai estar fedendo”, ela disse “vou tirar dentro da piscina”, e eu pensando que amanhã teríamos que entrar na piscina cheia de xixi.

Não conseguimos vencer todos os exercícios planejados, pois estávamos todos com frio e alguns já com fome, visto que a aula começou às 10h e terminou às 15h30min sem intervalo.

30/07/2017 - Segunda experiência em águas confinadas

Me atrasei um pouco para a aula, pois tive que vir do Rosa. Liguei pra Ana e avisei, ela disse que a

Si e o companheiro dela já estavam lá e que iam assistir as vídeo-aulas enquanto eu não chegasse.

Quando cheguei, Ana me levou para assistir também as outras aulas que faltavam. Era a sequência das que eu já tinha assistido, aquele tédio. Sugeri que fossemos logo para piscina, pois em breve ficaria frio. O instrutor Mário achou melhor mesmo e começamos a aula prática.

Como éramos três alunos, a aula foi mais organizada do que no dia anterior. Mário também tinha percebido o caos de sábado e resolveu aprimorar sua metodologia pedindo que todo mundo que não estivesse realizando o exercício ficasse de um lado da piscina enquanto o que estava fazendo ficasse do outro lado.

Minha respiração estava bem melhor do que no dia anterior, minha mobilidade dentro da piscina também, o que me fez concluir que mergulho realmente é uma questão de prática.

Uma questão que ainda vejo complicada é a comunicação. Como não se pode falar embaixo da água a comunicação é toda feita por gestos, porém por vezes

eles são muito restritos, parece faltar inúmeros gestos para dar conta do que tenho necessidade de falar. Como as coisas não são faladas, alguns exercícios demonstrados por Mário eu nem sequer entendia a lógica ou o que era para fazer.

Quando eu estava realizando os exercícios com o Augustin, o homem do telefone, percebi que é necessária uma grande conexão/sintonia/confiança com quem está realizando o mergulho comigo, visto que essa questão da comunicação é toda em gestos. Percebi isso ao realizar o exercício que simula quando um mergulhador está sem ar, no qual o outro tem que fornecer o seu regulador reserva.

Chegou um ponto que eu senti tanto frio que ele refletia na minha respiração, que ficou tremida.

Saímos da piscina, os outros alunos foram fazer a parte teórica, e eu fui para a Feira das Alfaías, lugar onde vendo minhas fotografias todos os domingos.

05/08/2017 - Terceira experiência em águas confinadas

Hoje quando cheguei na escola Agustín não estava ao telefone, mas sentado em frente a uma mesa de plástico branca trabalhando no computador. Ana estava na recepção e me levou até o galpão onde estão guardados os equipamentos. Pegou uma roupa para mim e perguntou se eu queria saquinhos. Havia um rolo cheio deles pendurado na parede. Perguntei se a roupa era apertada demais, ela disse que não. Comecei a colocar a roupa, e foi mais tranquilo colocá-la, ainda assim é sempre um sufoco.

A água estava muito gelada e eu só pensava porque não fiz o curso de mergulho no verão. A princípio não ia colocar o capuz que faz com que diminua a sensação de frio, mas quando água atingiu meu tronco, me senti tão gelada que resolvi colocar logo o capuz.

Com o tempo, vou notando que estou mais coordenada. Ainda tenho que recapitular os passos de montagem do equipamento com o professor, mas é porque são muitos passos para memorizar tudo de uma vez só.

Me atrapalhei bastante no exercício em que tenho que ficar submersa e retirar o equipamento e voltar a colocá-lo, tudo sem encostar os pés no fundo da piscina. Não encontrava o feltro que prende o equipamento na cintura. Depois o Mário me falou que tirei o equipamento pelo lado errado, por isso os fios do regulador estavam enroscados, o que fazia com que ele escapasse da boca e eu tivesse que recolocá-lo várias vezes caso não quisesse ficar sem ar. Tive que me virar e tirar o equipamento novamente, dessa vez pelo lado correto.

Quando terminamos os exercícios, Mário me parabenizou, pois havíamos concluído todos e eu estava apta para partir para os mergulhos em alto-mar com segurança e conhecimento de todas as situações que poderiam acontecer e como enfrentá-las com tranquilidade. Quis fazer uma foto comigo. Fizemos duas.



Figura 51 – Mário e Bruna fazem
sinal de “tudo certo, ok”
(Foto: Mário Mercadante)



Figura 52 – Mário e Bruna no final
da aula de mergulho
(Foto: Mário Mercadante)

Combinamos de nos encontrar às 13h30min na escola para terminar a parte teórica, que eu não havia conseguido realizar no domingo passado.

Intervalo

Na praia, um cachorro chorava enquanto olhava de frente para o mar. Ele estava ansioso e mesmo com um pouco de receio de entrar no mar ia caminhando em direção à imensidão, era atingido pelas ondas e retornava. Olhava sempre para o mesmo ponto, um

barquinho que estava no mar com duas pessoas. Quando o barco começou a se movimentar em direção a areia, mais ansioso ele foi ficando. Um outro cachorro que também estava por ali sentado na areia se aproximou e ambos esperaram pela chegada do barquinho.

Adoro essa relação de espera que os cães têm quando seus donos estão no mar, cada um a seu modo. Esse no caso era mais ansioso. Mas na Praia do Rosa, por exemplo, tem uma boxer que sempre fica bem tranquila esperando seu dono surfar. Tranquila, porém atenta. Com o olhar ela acompanha os movimentos dele. Quando ele se afasta da direção dela, calmamente ela caminha mais para o lado e se senta novamente em frente ao ponto onde ele está. Pelos seus bigodes brancos, imagino que ela deva acompanhá-lo no mar há anos.



Figura 53 – Cachorros a espera de seus donos na Praia Cachoeira do Bom Jesus
(Foto: Bruna Elida)

Depois fiquei sentada em uma mesa do pátio da escola escrevendo o que tinha acontecido durante a manhã enquanto me esquentava ao sol. Ana me chamou para terminar de assistir as vídeo-aulas, que nesse momento tive a sensação de que eram intermináveis. Mário chegou e começou a me explicar a tabela de mergulho, um guia para ajudar a planejar as descidas, considerando a profundidade e tempo de mergulho, ela

calcula o intervalo que será necessário para evitar a descompressão.

Enquanto eu estava entediada pensando que a tão odiada matemática volta e meia dá sinal de vida novamente, e lá estava eu tendo que resolver problemas matemáticos, Agustín falava de novo ao telefone. A conversa dele para mim parecia estar mais interessante do que a tabela, já que ele falava sobre a cor de um vídeo que imagino que ele estivesse realizando. Então, dividia os meus ouvidos e minha atenção entre a tabela do Mário e os enquadramentos do Agustín.

Fiquei com frio e disse para o Mário que seria mais legal fazer os exercícios ao sol, ao invés de naquela sala gélida. Sentamos na mesma mesa que eu estava no intervalo. Respondi em torno de 40 questões do simulado, tive uma média de acerto que começou em 60% e foi para 70% quando me compenetrei um pouco mais na realização dos exercícios.

O sol foi indo embora e dessa vez foi Mário que ficou com frio, então voltamos para a sala de aula. Comentamos as questões que eu havia errado. Ele

perguntou se eu queria fazer a prova final naquele mesmo dia. Mas achei melhor não, porque o mínimo de acerto é de 75%, então preferi ter um tempo para estudar antes de realizar a prova.

Me despedi do Mário, dei tchau pra Ana, mas nada do Agustín, não estava mais por ali.



Decidida a marcar na pele os momentos que estou vivendo, fui fazer umas tatuagens. A primeira delas, uma flor, para simbolizar esse processo de florescer que vivi desde o meu mar habitar. A segunda, a palavra “deriva”, para representar esse estado de liberdade e abertura para tudo aquilo que vier com os ventos ou com as correntes.

Depois de ter realizado as tatuagens, a tatuadora informou que eu deveria ficar pelo menos um mês longe do mar. No momento, lembrei dos mergulhos e me senti incomodada por não ter percebido isso antes.

Passado esse tempo, começou uma época de chuvas e ventos que não propícios para a prática de mergulho. Nas vezes que entrei em contato com a Ana para que ela me avisasse caso acontecessem saídas de mergulho, ela dizia que não teríamos condição de mar para mergulhar, muitas vezes em decorrência do vento Sul estar muito forte.



QUINTA CONVERSA: A AVENTURA

Para o sociólogo alemão Georg Simmel, em sua significação mais genérica, a aventura “pode ser assim expressa: ela extrapola o contexto da vida”. (SIMMEL, 1998, p. 171). Entendo o encontro com o arquivo de Erony como um acontecimento que ultrapassou o contexto da vida cotidiana, criando uma fenda, uma pausa, uma suspensão – suspensão geradora de tantas outras aventuras posteriores que, até então, eram inimagináveis, como a busca por um navio desaparecido e a experiência de mergulhar em mar aberto.

A leitura de Simmel abre uma passagem para entender essa fusão entre arte, vida e aventura que venho experimentando desde o encontro com o arquivo e que parece encontrar espelho no que diz Simmel: “da mesma maneira como a aventura parece basear-se numa diferenciação dentro da vida, a vida como um todo pode ser sentida como uma aventura”. (SIMMEL, 1998, p. 175-176).

Sempre me senti atraída pela aventura na vida, mas estava momentaneamente adormecida para ela quando o arquivo de Erony me lembrou de sua potência e, também, possibilitou experimentar o jogo e o risco da aventura em uma dimensão da arte dentro da própria vida.

Senti-me, nesses últimos dois anos, impelida a experiências que não me ocorreriam em circunstâncias usuais, como praticar mergulho em águas abertas (algo de que eu tinha medo, beirando o pânico, devido a questões respiratórias). Passei a ver no mergulho uma metáfora desse meu adentrar profundo no trabalho, nesse estado de vigília constante, que capturava para seu âmago tudo o que fosse surgindo durante o percurso.

o trabalho possui, por assim dizer, uma relação orgânica com o mundo, ele desenvolve continuamente as matérias e forças do mundo até seu ápice, visando a finalidades humanas, enquanto, na aventura, temos uma relação inorgânica com o mundo; ela traz consigo os gestos do conquistador, o rápido aproveitamento das chances, não importando se com isto separamos uma parte harmônica ou desarmônica para nós, para com o mundo ou para com a relação de ambos. (SIMMEL, 1998, p. 177)

Aprendi a respeitar o fluxo dos acontecimentos desencadeados desde meu encontro com o arquivo de Erony, e passei a viver a rotina de experimentar as situações em meu entorno

através da lente dessa experiência, seguindo o fluxo imprevisível e a estrutura em rede da aventura. A bússola passou a não marcar mais o Norte com tanta precisão. Tudo poderia ser expandido, a qualquer momento, para diversos lados, ou direção.

Percebia que o trabalho não apenas era **feito** durante a vida, mas que ele se tornava a própria vida. Estava fazendo aquilo que Simmel ensaia sobre a prática dos aventureiros, um constante jogo de apostas em chances flutuantes:

no destino e no que é impreciso, derrubamos a ponte atrás de nós, adentramos o nevoeiro, como se o caminho devesse nos conduzir sob quaisquer circunstâncias. [...] O fato de o aventureiro, não obstante, crer que este desconhecido é seguro para ele constitui apenas um afastamento subjetivo da convicção fatalista, de que nosso destino – o qual não conhecemos – é com certeza inevitável; (SIMMEL, 1998, p. 178)

Também experimentei a angústia que assalta o aventureiro, não raro julgado “louco” aos olhos de outros, “porque, para que tenha sentido, [a aventura] parece ter como pré-requisito que o insondável seja sabido” (SIMMEL, 1998, p. 178). Quantas vezes ouvi de amigos e de meu companheiro à época que estava “ficando louca”, ou me transformando em uma “acumuladora compulsiva” ao apegar-me tanto a objetos descartados no lixo por estranhos.

De meu lado, acreditava na necessidade de seguir o “caráter inesgotável do murmúrio”, que no passado me trouxe a intuição de que encontraria um tesouro no lixo. É como se em minha vida anterior, tivesse me preparando, longamente, para aquele momento de puro acaso que foi o achado do arquivo, encontrando em Fayga Ostrower um apoio:

Os acasos identificariam, então, certas possibilidades nossas latentes, que encontram num incidente fortuito o momento oportuno de se realizarem. Parecem assim fornecer um trampolim para darmos um salto adiante – salto este, que de alguma maneira nós já queríamos dar porque estávamos prontos. (OSTROWER, 1995, p. 23)

Lefebvre vai ao encontro de Simmel em uma reflexão sobre a aventura e sua busca pelo impossível. Ambos os pensadores atuaram no entre-guerras do século XX, um momento de interrogação profunda à racionalidade e ao cientificismo. Deles extraio combustível e crença para fabricar algumas porções de impossibilidades:

É no cotidiano que uma possibilidade se dá a descobrir (o jogo, o trabalho, o amor, etc.) em estado espontâneo, bruto e ambíguo. (...) O sujeito passa a ver o impossível em relação com a cotidianidade; a decisão transforma, precisamente, o impossível remoto em possibilidade próxima. Pela paixão que ele implica, o impossível torna-se um critério de

possibilidade: quer-se o impossível, e se arrisca o possível para alcançar esse impossível que se vislumbra para além do risco e da aventura; A decisão tomada faz recuar definitivamente as fronteiras da impossibilidade²¹. (LEFEBVRE, 1980, p.350)

A aventura, o jogo, ou a Festa, como se refere Lefebvre (1980, p. 355), “só tem sentido em sua irrupção no terreno morno e macio do cotidiano. Ela consome em um segundo toda a paciência e a seriedade acumuladas pela cotidianidade”.

Foi impulsionada pelo sabor da Aventura que descola do cotidiano o Momento e o transforma em Festa, que se concretizou minha ida até Laguna.

²¹ "C'est dans le quotidien qu'une possibilité se découvre (le jeu, le travail, l'amour, etc.) à l'état spontané, brut, ambigu. (...) Le sujet veut l'impossible par rapport à la quotidienneté; mais la décision précisément change en proche possibilité l'impossible lointain. Pour la passion prise en charge, l'impossible devient précisément critère de possibilité: elle veut l'impossible qui semblait d'abord au-delà même du risque et de l'aventure; la décision recule effectivement les bornes de l'impossibilité." (LEFEBVRE, 1980, p.350)



SEXTO DEVANEIO: DIÁRIO DE VIAGEM

Antes de começar a minha expedição em busca do Malteza S, optei por não planejar nada previamente. Munida de algumas informações que a leitura do texto do *blog* acerca de naufrágios ocorridos em Santa Catarina proporcionou, parti para Laguna, decidida a trilhar o caminho que se abriria a partir da minha chegada lá.

Coloquei no GPS “Praia do Gi”, local onde o navio encalhou e comecei viagem desde a Praia do Rosa. Ao me aproximar de Laguna, vi que o GPS me orientava para tomar a direção da Praia do Sol. Mesmo sabendo que seria mais fácil e rápido seguir pela BR-101 até Laguna, resolvi seguir esse desvio de rota atraída pelo poético nome da praia. Embaixo do viaduto de

acesso ao balneário, um cachorro cor de caramelo e pelos espevitados estava deitado, parecendo observar o movimento de quem por ali passava. Pensei que o GPS havia captado o espírito de extravio dessa jornada ao me conduzir ao longo de três quilômetros por uma estrada de areia, bastante derrapante, atravessada eventualmente por um quero-quero solitário.

As árvores dançavam com o vento e produziam um lindo som, o único que se escutava naquele lugar remoto e que, aos poucos, foi se juntando ao balanço das ondas do mar.

Vez por outra, um carro cruzava meu caminho. Parei para fazer algumas fotografias e fui seduzida pelo tocar do vento, gravei vídeos e pensei quanta coisa linda se pode encontrar ao ir em busca de um navio desaparecido.

[PROCURE PELO *PEN DRIVE* DENTRO DA CAIXA]



Figura 54 – Estrada na Praia do Sol (Foto: Bruna Elida)

Uma casa em meio ao nada ostentava placas de venda de ovos e de fila (quanto a este último item, retornarei mais tarde). Logo à frente, trilhos de trem e os dizeres “PARE, OLHE, ESCUTE”, instantaneamente frearam o meu passo. A ordem estampada na placa me tocou e paralisou momentaneamente. Instintivamente, segui a instrução, sentindo-a muito mais ampla do que uma advertência sobre o risco de um trem repentino. Liguei o sinal luminoso do pisca-alerta e por pouco

não abandonei o carro sobre um atoleiro, manobrando-o rapidamente para estacioná-lo e partir para a exploração.



Figura 55 – Placa de atenção na Praia do Sol (Foto: Bruna Elida)

Bastaram dois passos para confirmar que aquele era o lugar onde começaria minha aventura em Laguna. Voltei ao carro, muni-me de um caderno, uma caneta e da foto do navio e fui direto para a casa das placas, onde um senhor estava sentado próximo ao portão. Latidos anunciavam a minha chegada e esclareciam de que se tratava a palavra “fila” anunciada na placa e que, inicialmente, eu não havia compreendido. Contei sobre o navio que eu estava buscando, mas o senhor, que se chamava Edílio, respondeu que não conhecia a história, mas me indicou os passos a percorrer a partir dali.

Disse que eu poderia conversar com Pelé, que foi um dos responsáveis pelo loteamento da Praia do Sol, e atualmente preside a associação de moradores do balneário. Edílio me alertou que Pelé não era “negrão”, mas sim “alemão”, explicando “tim-tim-por-tim-tim” como fazer para encontrá-lo: “É só seguir reto e, na rotatória, continuar em direção à praia. É a última casa no lado esquerdo da avenida, é um restaurante, mas está fechado”, disse ele. Quanto ao caminho, alertou

que eu iria ver um costão e a “Pedra do Frade”, que tem esse nome porque é muito parecida com um frade. Comentou, também, que, em dada época cogitaram construir um cassino no Costão, mas acabaram abandonando o plano.

Depois que eu falasse com Pelé, Edílio me instruiu a seguir “reto, toda a vida” pela estrada de chão até o Sítio Paraíso, onde deveria procurar pelo Seu Brás, na primeira porteira à direita. Recomendou que não fosse pela praia pelo risco de atolar. Ele próprio levou anos para aprender a dirigir na areia quando a maré está baixa. Tomou muitos sustos no início, quando tinha um Pálio. Hoje, possui uma camionete.



Figura 56 – Faixas em frente a casa de Seu Edílio (Foto: Bruna Elida)



Figura 57 – Casa de Seu Edílio (Foto: Bruna Elida)



Figura 58 – Trilhos de trem em frente a casa de Seu Edílio (Foto: Bruna Elida)

Ao encontro de Pelé, segui as instruções de Edílio, convergindo na rotatória na direção oposta à indicada pelo GPS.

O vento estava tão forte que produzia chuvas de areia e quase tragou as fotografias do Malteza S. que eu levava em mãos. Ao chegar no local que Edílio informou ser a casa de Pelé, vi que realmente se tratava de um restaurante que já não funcionava mais. A campainha também não funcionava. Bati à porta.

Escutava vozes vindo de dentro, mas não identificava visualmente de onde vinham. Barulho de talheres raspando pratos, intercalados com o som de algum bicho, como um papagaio ou periquito. Como passava das onze da manhã, concluí que os moradores estariam almoçando e não insisti, aproveitando para conhecer a Praia do Sol. Retornei para a rotatória, notando que já não havia acionado o GPS.

Seguindo por aquela estrada remota interminável cercada de dunas, pinheiros, árvores e muito mato, ao me deparar com uma ponte velha e capenga e sentir um pouco de medo de cruzá-la, achei engraçado e pensei que, definitivamente, o GPS estava em total sintonia com o espírito da jornada ao me enviar para o balneário por aquele acesso, desviando-me da BR-101. Vi-me na Praia do Sol em busca do Sítio do Paraíso, chuva de poesia em meu caminho.

As dunas invadiam a estrada, enquanto eu acelerava com receio de atolar e ver minha aventura terminando com o carro guinchado - afinal de contas,

naquela estrada deserta não encontraria ninguém para me ajudar.

Depois de muito andar, imaginava estar perdida quando vi uma grande placa indicando o Sítio Paraíso. Quando Edílio descreveu o caminho, imaginei que encontraria uma placa típica “de porteira”, mas a que tinha a minha frente estava mais para um *outdoor*. Havia um cortador de grama e umas ferramentas no chão em frente a uma segunda placa, mais tradicional do que a primeira. Questionei-me se serviriam para bloquear a passagem de carros ou se apenas haviam sido esquecidos ali. Calculei que o carro passava por ali e decidi entrar. Nesse momento, percebi outro automóvel logo atrás do meu: era o senhor Brás que também chegava.

Apresentei-me e mostrei a foto do navio e ele me convidou para sentar no chão de sua varanda. Contou que não morava na região à época do naufrágio, mas que conhecia a história. Disse que não chegou a ver, mas que ouviu falar que, há mais ou menos um mês, uma

ventania forte e uma maré muito baixa fizeram com que o navio reaparecesse nas docas.

Contou que era construtor e que conhecia o paulista Zanichelli, que construiu inclusive o prédio em que ele tinha sua empresa. Segundo Seu Brás, o irmão do Zanichelli estava desaparecido, não se sabia se havia fugido ou morrido, então ele contratou um piloto e alugou um avião para ir procurar o irmão. Naquela ocasião, disse ele, o “Zé Mello, de Joinville, estava tirando as coisas do navio e haviam colocado um cabo de aço, ligando o barco à praia”. Na vinda do avião que trazia Zanichelli de São Paulo a Laguna, o piloto deu um rasante na praia e não viu o cabo. Morreram todos.

Seu Brás relembrou que veio parar ali em busca de mar e que se não tivesse tomado essa decisão, teria morrido em Tubarão, “naquela loucura [urbana]”. Queria um lugar que com “cidade e praia”. Seu sítio tem 56 hectares, leva-se uma hora para percorrê-lo inteiro.

- Aqui só quem me incomoda é esse pavão - disse, referindo-se ao pássaro que se acercava de onde estávamos.

A impressão de que ele vivia sozinho naquele lugar foi desfeita pelo barulho de talheres dentro de casa.

No final de nossa conversa, quando perguntei a Seu Brás se podia fazer um retrato, o pavão branco prontamente abriu as penas.



Figura 59 – Retrato do Seu Brás
(Foto: Bruna Elida)



Figura 60 – Retrato do pavão de Seu Brás
(Foto: Bruna Elida)

Dirigi-me até o local onde o navio fora avistado, segundo Seu Brás, encontrando um prédio dado como

marco de referência. Imaginei que a aventura em Laguna se encerraria ali, tendo chegado ao local do navio encalhado, ápice de minha busca.

Em frente ao prédio, havia um tipo de vegetação igual à que aparecia na fotografia do navio encalhado feita por Erony! Decidi abandonar a estrada e caminhar pelas dunas, encontrando, em seguida, um objeto que parecia ser um mastro de um navio.

Nessa caminhada, recolhia tudo o que pudesse ter relação com o navio. Uma casa tomada pela areia me fez pensar em quem construiria uma casa nas dunas... Deparei-me com um tronco velho que parecia ter ficado soterrado na areia durante muitos anos, e pensei que talvez fosse essa a vegetação que Erony tinha fotografado em frente ao navio.

Sob o sol do meio dia a pino, vi-me com uma roupa completamente inadequada para uma caminhada na praia: toda preta, calça e blusa de mangas compridas. Retornava a pé quando um carro se atravessou à minha frente, estacionando de frente para o mar. A intervenção inesperada me trouxe a convicção

de que deveria conversar com o motorista, que parecia ter vindo ali para apreciar o mar. Seu nome era Vanilson, morava em Laguna há vinte e cinco anos, seus pais estavam ali há mais tempo. Contou que sempre vinha observar o mar e pescar, ao que retruquei que também gosto muito de fazer isso, e que, provavelmente, Erony – minha companheira de aventura – também gostava. Vanilson comentou que os pescadores sabem onde está o navio, pois, eventualmente, a rede se engata nele e dizem que, vez por outra, emerge um pedaço do mastro. Falou sobre um barco que faz buscas recorrentes ao navio, cuja equipe resgatou a âncora perdida e a retirou do mar.

Vanilson contou que tinha um recorte de jornal contendo uma matéria sobre o navio pendurado no mural de sua oficina. Disse que a guardava há alguns anos e que quase a tinha colocado no lixo, mas desistiu. Nesse momento, intuí porque ele havia atravessado o meu caminho... Combinei que passaria em sua oficina no final da tarde.

Segui caminhando um pouco mais pela praia, pensando sobre como acontecimentos simples podiam ser tão impressionantes. Ao voltar pelo caminho que Vanilson me indicou, vi que se tratava da estradinha pela qual os carros normalmente acessam a praia. Pensei como havia sido bom ter deixado o carro para caminhar pelas dunas, pois encontrei aquilo que parecia ser uma parte do navio.

Ao checar a posição da ilha que aparece nas fotos ao lado do navio, pensei que talvez pudesse ter sido tirada do ponto em que me encontrava.

Já de volta ao carro, enquanto devaneava sobre a liberdade com que estava vivendo essa jornada - com o celular descarregado, procurando os lugares por instinto - começou a tocar no rádio "Free As A Bird", dos Beatles. Que bom: eu só estava esperando que também acontecesse uma coincidência musical!

Procurava chegar ao centro da cidade, quando percebi que o tempo mudou completamente, o dia acinzentou-se de tal maneira que logo gotas de chuva

invadiram meu para-brisas. Nem parecia o mesmo dia de quando comecei a viagem. (Lembro de minha mãe exclamando, com extrema alegria, ao ver o sol ao acordar: "Que dia!").

Parei para almoçar em um buffet simples, mas com comida bem gostosa. A massa e a carne de panela estavam ótimas, mas o filé de peixe frito era certamente o melhor. O restaurante estava vazio, o que me fez perceber que já eram duas da tarde, o tempo tinha voado até ali, mas de uma maneira estranhamente espichada.

Conversei com o dono do estabelecimento, que só se lembrava do que a maioria dos moradores de Laguna costuma lembrar sobre o naufrágio: que o navio estava carregado de milho.

- A gente ia sempre lá ver, era milho pela praia toda - contou, salientando que o navio matou sete pessoas e que ele havia ido visitar as vítimas no hospital. Contou que algumas delas morreram tentando tirar o milho (já molhado e fermentado), devido ao gás que exalou quando abriram o porão; outras padeceram

quando o avião bateu no cabo de aço que ligava o navio à terra.

Calculou que, na época, ele tinha dezoito anos e que seguiu avistando o mastro do navio até os seus vinte e cinco anos. Contou que hoje o navio atrai pescadores por ter se tornado uma “toca de garoupa”, o que me remeteu à leitura do livro “Barba ensopada de sangue”²².

²² O Bonobo pega a arma de pesca submarina e começa a recolher a linha na carretilha.

Faz uns três anos teve uma história curiosa que aconteceu aqui em Garopaba. O cara saía com o filho quase toda semana pra mergulhar e pescar. Uma vez eles tavam no costão entre a Ferrugem e a Silveira fazendo mergulho livre num lugar chamado Saco da Cobra. O cara desceu bem fundo e lá pelas tantas avistou uma garoupa gigante entocada. Era um dia de água bem clarinha, vários metros de visibilidade. O peixe era monstruoso, de um tamanho que hoje em dia não se vê mais, e ficou encarando ele de dentro do buraco, mexendo a mandíbula. Na semana seguinte ele mergulhou no mesmo lugar e encontrou o peixe na mesma toca. Decidiu que ia arpoar a garoupa a qualquer custo. Ficou obcecado e não pensava em outra coisa. Sempre que o mar dava condições ele saía com o filho no bote. Mas a toca era funda demais e a garoupa arredia. Às vezes não aparecia e quando aparecia simplesmente não se deixava arpoar. Nenhum outro mergulhador tinha visto esse peixe com os próprios olhos, só se sabia de histórias. Umás semanas depois ele saiu mais uma vez com o filho pra pescar. Desceu a primeira vez sem equipamento. Voltou uns minutos depois e disse pro filho que tinha encontrado a garoupa. Vestiu o equipamento todo, pegou o arpão e desceu de novo. E não voltou mais.

O Bonobo introduz o arpão na arma e mira na direção da cozinha.

Quando o filho percebeu que tinha algo errado tentou mergulhar para ajudar o pai mas não conseguiu descer até lá. Foi embora e voltou com bombeiros e mergulhadores. Os caras desceram e encontram o corpo do cara afogado com o braço enrolado na corda de náilon do arpão e o arpão atravessado na cauda da garoupa. A garoupa tava viva, só que aleijada. O arpão entrou na espinha. O cara

Disse que o navio está afundado acerca de cento e cinquenta metros da praia e que já viu barcos pescando mariscos por lá. Não ouviu falar sobre o navio ter reaparecido recentemente, como relatou Seu Brás, mas confirmou que o mar recuou mais de duzentos metros da praia naquela ocasião. O dono do restaurante acredita que o navio esteja quase desaparecido no fundo do mar, pois se enterra cada vez mais na areia: “uma pena, pois tem muito cobre no navio e a gente poderia ficar rico”. Contou que conheceu os tripulantes gregos: “tudo moreno, mal-encarado. A gente tinha um hotel, mas era mais simples, então, eles ficaram no Hotel Farol”. Lembrou, em tom divertido, que os comerciantes compravam o milho resgatado do navio e

ficou tentando puxar a garoupa até apagar e morreu preso nela. Tiraram os dois juntos de dentro d’água. Dizem que foi a maior garoupa já arpoada em Garopaba. Tinha mais de oitenta quilos. [...]

Ainda sentado no sofá, o Bonobo gira o torso e aponta o arpão para uma das poltronas.

É como uma fábula. Tu vê que a vida do cara e a vida da garoupa tavam ligadas de alguma forma, [...]. A gente não consegue entender exatamente como, não consegue ver o caminho todo que os dois seres percorreram até ali. Mas uma coisa dessas faz a gente pensar, não faz? Não pode ser por acaso. (GALERA, 2012, p. 123-125)

que as galinhas morriam todas, porque as sementes estavam envenenadas.

Sob chuva torrencial, atravessei a rua para tomar o carro e saí em busca de uma *lan house* que não mais existia. Uma passante me indicou uma papelaria próxima, onde poderia imprimir meus arquivos. Caminhando até lá, avistei o Museu Anita Garibaldi. Despretensiosamente, entrei para perguntar se sabiam algo sobre o navio, imaginando que não, já que o museu se dedicava à história do casal Garibaldi e à tomada do porto de Laguna. Para minha surpresa, um dos mediadores contou que o museu possuía a hélice do avião que se acidentou ao bater no cabo de aço que ligava o navio à praia: entre uma série de objetos antigos e alguns objetos náuticos, lá estava a hélice, encostada na parede ao lado de uma janela.



Figura 61 – Hélice do avião no Museu Anita Garibaldi
(Foto: Bruna Elida)



Figura 62 – Hélice do avião no Museu Anita Garibaldi
(Foto: Bruna Elida)

O mediador me indicou contatar uma historiadora da Fundação Lagunense de Cultura. Ao cruzar a praça, pisei em uma poça de água gigante, que alagou toda a minha bota e chegou nas minhas meias, deixando os meus pés gelados pelo resto do dia. Ainda assim, encontrei a historiadora, chamada Mirela, que me contou que era bem difícil encontrar documentos em Laguna, pois a Casa Candemil, responsável pelo arquivo público municipal, não os manteve em bom estado de conservação, tendo grande parte do arquivo afetado por fungos e outros agentes biológicos.

Disse que eu poderia conversar com o Seu Marega, pois, se houvesse algum jornal da época com notícias do naufrágio, ou algo assim, ele certamente os teria guardado. Explicou que a casa dele ficava no “calçadão em frente ao Restaurante Faísca”. Também comentou sobre Valmir Guedes que havia escrito o livro sobre o Malteza S. Mirela tentou ligar para seu padraсто que tinha o contato do autor, mas ele não atendeu.

Fui até a casa de Seu Marega, uma construção antiga cujo portão abri para, em seguida, bater à porta. Demorou para vir alguém. Enquanto aguardava, senti um cheiro estranho que me lembrou o de uma casa muito antiga, cheia de gatos, localizada na Avenida Venâncio Aires, em Porto Alegre.

Quando Seu Marega finalmente atendeu à porta, comentei sobre a pesquisa e ele me convidou para entrar. Passamos por uma sala repleta de elementos sacros, até a manta do sofá tinha santos estampados. Parecia uma sala de colecionador, um móvel antigo estava repleto de todos os tipos de esculturas de santos, em diversos tamanhos, cores e formatos.

O anfitrião me levou a uma sala lateral, onde havia estantes com livros e uma escrivaninha com um computador. Sentei-me e ele começou a contar que foi o primeiro a avistar o navio encalhado na praia, correndo à Capitania dos Portos para avisar. Com bastante desdém disse que não entende o porquê de as pessoas terem tanto interesse nesse navio. Ele afirma que nunca “deu bola” para ele e que “ia lá como todo curioso, pois era um roteiro para distração”. Contou que o navio foi sendo sugado pela areia, “essa areia fina... eu sei porque um dia perdi um anel ali”.

Mostrou algumas imagens do navio que ele tinha no computador, além de outras fotografias da época, e se vangloriava por ter o maior arquivo de imagens de Laguna. Encontrou na estante o livro escrito por Valmir. Disse que achava que ele não estava na cidade, mas me explicou onde ficava sua casa: uma rua antes da praça do Museu da Anita, a direita, “é a terceira casa, recentemente pintada com uma cor bege e outra cor mais escura”.

Encontrei a casa, bati, mas realmente não havia ninguém lá.

Conferi o relógio e, como se aproximava do final da tarde, me apressei, pois os órgãos públicos estariam por fechar.

No Porto de Laguna, tentei descobrir algo sobre aquele barco que Vanilson comentou que resgatava partes do Malteza S. Na primeira guarita, o guarda me indicou que eu fosse até a segunda. O guarda dessa outra guarita pareceu não dar nenhuma importância a minha presença ali. Tive que chamá-lo. Perguntei sobre a administração do Porto. Disse que não havia mais ninguém ali: “agora, só na segunda”. Perguntei se ele tinha o telefone da administração. Secamente me respondeu “Eles não têm telefone”. Perplexa perguntei: “Como assim não têm telefone? Que estranho!”, “Não têm”. Saí pensando que obviamente eles deveriam ter telefone, impressionada com a má vontade do segundo guarda.

Na Capitania dos Portos de Laguna, nova decepção: só funcionava pela manhã. Então, resolvi

caminhar até a oficina de Vanilson, o motorista que se atravessou em meu caminho na praia.

Encontrei Vanilson recém-chegado de um segundo passeio na praia. Levou-me até o mural da oficina, onde estava colada a notícia sobre o navio, bastante empoeirada. Arrancou cuidadosamente a fita crepe que havia em volta da página do jornal. Quando vi aquela imagem do jornal no mural, tive uma alegria imensa por pensar que o maior achado da viagem se deu de forma totalmente casual.

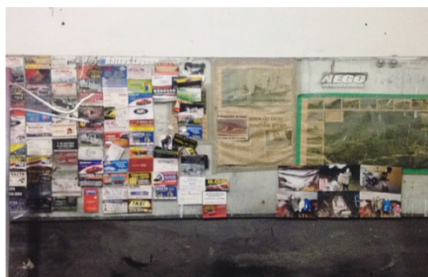


Figura 63 – Mural da oficina de Vanilson onde estava afixado a notícia sobre o navio (Foto: Bruna Elida)



Figura 64 – Ferramentas na oficina de Vanilson (Foto: Bruna Elida)



Figura 65 – Notícia de jornal de 2009 (aos 30 anos do acidente), com colagem de outra notícia de 2016 (aos 37 anos do acidente) (Foto: Bernardo Menezes Rosa)

Vanilson me disse que havia contado para seus colegas sobre nosso encontro incomum na praia e que eles não acreditaram que eu apareceria para ver o recorte. Perguntei sobre as fotos dos peixes que estavam no mural e ele abriu a porta de seu freezer para mostrar que não eram apenas histórias de pescador.



Figura 66 – Fotografias de pescarias afixadas no mural da oficina de Vanilson
(Foto: Bruna Elida)



Figura 67 – Retrato de Vanilson em sua oficina (Foto: Bruna Elida)

Decidi que ali terminava a minha aventura. Eu já estava cansada, e com os pés muito molhados.

Em meu caminho de volta, li o nome de um hotel em uma passarela e lembrei que Erony já havia estado em um estabelecimento com aquele nome. Logo depois de

encontrar o arquivo, pesquisei sobre hotéis em Laguna, pois ela havia fotografado um hotel que, no slide, indicara localizar-se nessa cidade. Naquela época, encontrei o nome do hotel e, agora, ao olhar para a minha esquerda, lá estava o grande hotel da foto de Erony, no alto da montanha!

Sentia-me percorrendo os passos dela.

Parei em um posto de gasolina para comprar um energético para ter forças de prosseguir na estrada até a Praia do Rosa. Enquanto dirigia, apesar de muito cansada, sentia a vida em sua plenitude. Pensava “isso é vida!”, enquanto lembrava dos meus companheiros de estrada e aventura Simmel e Lefebvre.



SÉTIMO DEVANEIO: DIÁRIO DE SONHOS

Entre 07/10 e 08/10

Estávamos caminhando na praia. Ele colocou a cabeça no mar e me disse que tinha um monte de coisas embaixo da água. Lamentei por ter esquecido meu equipamento de mergulho. Coloquei a cabeça embaixo da água, vi algumas coisas, não me lembro o quê. Com as ondas do mar vieram dois fragmentos de um avião vermelho. Um claramente era uma turbina, cujas as hélices lembravam muito a de ventiladores. O outro reconheci e, inclusive, o nomeei no sonho, mas agora não lembro o que era. Recolhi os objetos e pensei em levá-los para integrar a pesquisa, expor eles e depois enviar para o museu.



NONO PASSEIO: TODOS OS DEVANEIOS E A CAIXA- OBJETO

Para abrigar todos os devaneios produzidos durante essa dissertação, pensei em uma caixa, que seguindo a lógica de tudo aquilo que vem com a deriva, se autodenominou instintivamente de caixa-objeto. Ela foi pensada para que ao ser aberta produza uma sensação parecida com a que eu tive ao encontrar os guardados de Erony. Devido a isso, os materiais estão ali dispostos de forma que o próprio espectador possa traçar seus caminhos e construir sua interpretação de materiais que muitas vezes nem sequer estão nomeados.



Figura 68 – Caixa-objeto
(Foto: Bruna Elida)



Figura 69 – Parte interna da
Caixa-Objeto (Foto: Bruna Elida)

Algumas pistas foram inseridas, como, por exemplo o envelope de correspondência com o endereço de Erony, que trouxe a estampa da tampa da caixa, assim indicando que alguns elementos ali dispostos partem do próprio arquivo, e trazendo informações importantes sobre Erony.



Figura 70 – Verso do envelope
pertencente ao arquivo de
Erony (Foto: Bruna Elida)

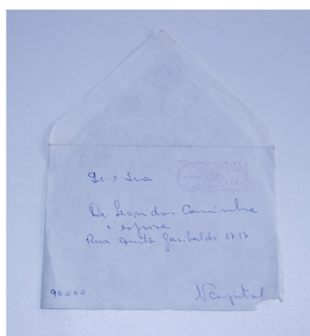


Figura 71 – Frente do envelope
pertencente ao arquivo de
Erony (Foto: Bruna Elida)



Figura 72 – Fundo falso da Caixa-objeto (Foto: Marco Antônio Santos da Rocha Filho)

A caixa possui um compartimento secreto, lembrando a imagem que Juli trouxe à tona do texto que escrevi aos dez anos, de um baú mágico que transporta quem o abre a qualquer tempo e espaço. Nele, estão dispostos alguns objetos de Erony. O próprio baú de madeira dela com seu nome assinado está dentro desse compartimento. Imagens em slides originais, e fotografias em formato 3x4 ajudam a traçar a linha do tempo dela e contar um pouco de sua história. Foi a forma que encontrei para atribuir um resgate digno a um material que foi descartado de forma tão cruel.



Figura 73 – Capa do livro

“A Bela e o Mar”

(Foto: Bruna Elida)



Figura 74 – Interior do livro

“A Bela e o Mar”

(Foto: Bruna Elida)



Figura 75 – Interior do livro “A Bela e o Mar” (Foto: Bruna Elida)

Logo depois de meu encontro com o arquivo de Erony, em busca de pistas, a frase “A Bela e o Mar” escrita em um slide, me saltou aos olhos. O mar passou a ser uma figura guia para o trabalho. Naquele momento, a frase soou como um título. Resolvi fazer um livro com esse título para acolher as imagens litorâneas de

Erony. Na última página, através da grafia de Erony impressa no slide é revelado de onde surge o livro.



Figura 76 – Frente do anúncio do apartamento de Erony
(Foto: Bruna Elida)



Figura 77 – Frente do anúncio do apartamento de Erony
(Foto: Bruna Elida)

As fotografias encontradas na internet de um apartamento no prédio em que Erony vivia, cuja decoração lembrava muito o estilo de Erony e os objetos que foram encontrados na lixeira, deram origem a um anúncio ficcional de venda de apartamento.



Figura 78 – Envelope com
Imagens do Malteza S
(Foto: Bruna Elida)



Figura 79 – Fotografias do navio Malteza S
(Foto: Bruna Elida)

As fotografias do navio encalhado em Laguna estão dispostas dentro de um envelope pardo com o nome do navio carimbado “Malteza S” para trazer a impressão de caráter documental ao seu conteúdo.

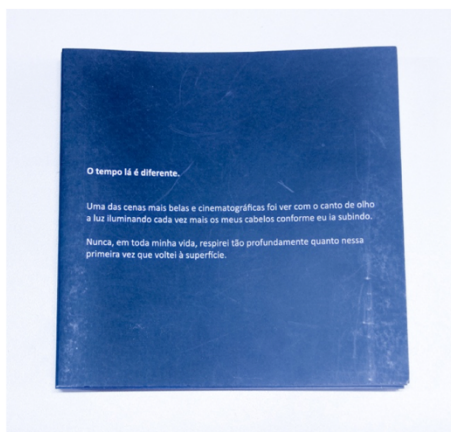


Figura 80 – Capa do Diário de Mergulho (Foto: Bruna Elida)



Figura 81 – Parte interna do Diário de Mergulho (Foto: Bruna Elida)



Figura 82 – Verso da parte interna do Diário de Mergulho (Foto: Bruna Elida)

Das experiências em alto-mar e das coincidências entre o meu olhar e o de Erony, surge o diário de bordo de mergulho, que mistura fotografias minhas com as de Erony, nas quais o horizonte encontra-se visivelmente desalinhado.



Figura 83 – Capa da pasta
do Diário de viagem
(Foto: Bruna Elida)



Figura 84 – Diário de viagem
(Foto: Bruna Elida)

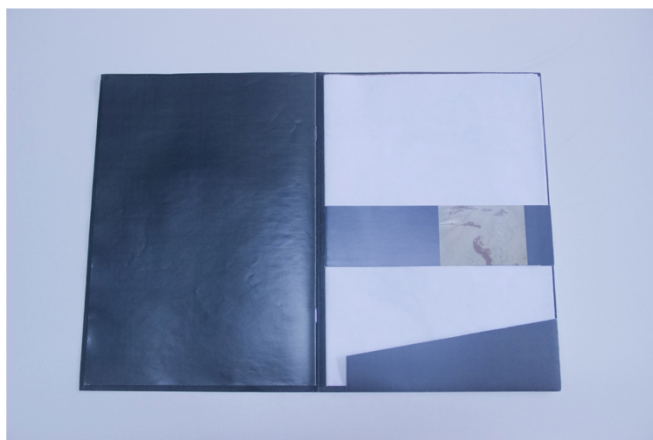


Figura 85 – Diário de viagem e pôster dentro da pasta (Foto: Bruna Elida)

A aventura a Laguna em busca de resquícios e relatos sobre o navio encalhado Malteza S, é narrada minuciosamente em um diário de viagem, que contém apenas texto. Dentro da mesma pasta

em que ele está colocado, logo atrás (sugerindo que seja visto posterior a leitura do texto) há um pôster fechado com algumas imagens da expedição. Assim, de uma só vez, ao abrir o pôster o espectador se depara com algumas imagens que provavelmente ele construiu mentalmente durante a leitura do texto.



Figura 86 – Pôster com imagens da viagem a Laguna (Foto: Bruna Elida)

Citações Deambulantes e Referências Flutuantes

Dois envelopes com conteúdo dentro trazem tanto citações textuais quanto referências artísticas importantes que acabaram não entrando diretamente no corpo da dissertação por ter sido

respeitado o fluxo e a torrente de escrita. São as “Citações Deambulantes” e as “Referências Flutuantes”, seguindo a lógica surrealista das imagens flutuantes e o próprio princípio de arquivismo, muito praticado por Erony através de seus recortes e por mim a partir do encontro com seu material.

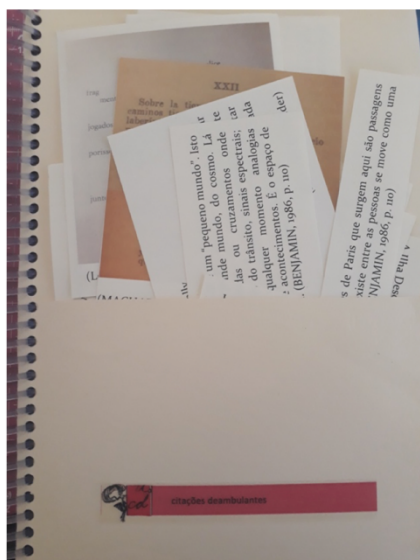


Figura 87 – Envelope de Citações Deambulantes
(Foto: Bruna Elida)

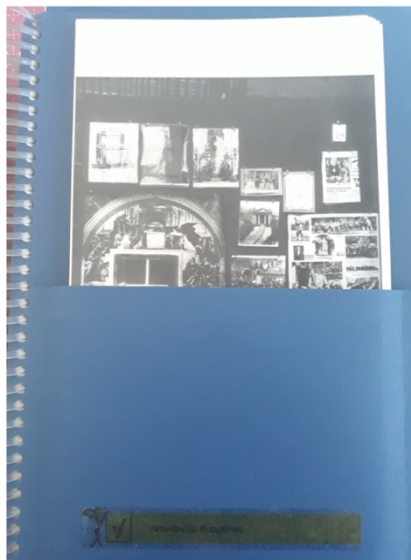


Figura 87 – Envelope de Referências Flutuantes (Foto: Bruna Elida)

CONCLUSÃO

“Que a grande inconsciência viva e sonora
que inspira meus próprios atos probatórios
disponha para sempre de tudo o que sou.”
(BRETON, 2007, p. 141)

Caminante
Deambulante
Flutuante
Incerto
Acaso

Fluxo (constante e infinito)

Movente
Atravessamentos
Aventura
Sopros

Apagamentos
Murmúrios
Vivências
Narrativas

Momentos
Hiatos
Disponibilidade
Transparência

Tudo aquilo que sou!

Esse trabalho, que parte da vida de uma desconhecida e carrega inicialmente as incertezas provenientes de falar sobre alguém que não de si mesmo, traz a certeza de que não é possível nos afastarmos de tudo aquilo que somos, de nossa subjetividade. Acabamos sempre por colocar-nos em tudo aquilo que produzimos. Logo, ao retratar Erony através da imagem de uma ilha, também construo um autorretrato.

Desejando deixar-me levar pelas pistas de uma vida estranha em direção a um mundo estranho, por vezes me sentia, eu própria, estranha em relação ao modo como me vi trabalhando. Meu encontro com os surrealistas se deu quando eu estava repleta de dúvidas em relação aos caminhos que estava seguindo na pesquisa desenvolvida a partir do arquivo de Erony. Porém, ao ver a liberdade com que aqueles artistas trabalhavam, jogando com o acaso e criando a partir do *solo morno do cotidiano*, da vida que se faz arte o tempo inteiro, me senti segura e amparada.

Meu encontro e identificação com os surrealistas, demonstra a importância desse processo de autoconhecimento. Nas minhas primeiras produções em fotografia, lá pelos meus vinte anos, lembro de submeter meu trabalho a leituras de portfólio e de ter ouvido, nessas ocasiões, artistas mais experientes mencionarem

como o meu trabalho estava ligado ao Surrealismo. Naquele momento, contudo, não dei muita atenção a isso.

Agora, de fato, estou ciente de minha identificação com as heranças desse movimento e com sua maneira de trabalhar, que também se relaciona àquilo que meu pai me ensinou sobre fazer os caminhos ao andar.

A consciência surrealista é umas das contribuições que reconheço carregar dessa pesquisa para a arte e a vida a partir daqui. A potência dessa influência pode ser percebida na forma como a própria dissertação foi escrita, incorporando ao texto o fluxo deambulante e incerto sobre um caminho “dos possíveis” (LEFEBVRE, 1980, p.350). O processo tornou claro que não apenas pratico andanças como deslocamentos físicos, mas que sou essencialmente uma andarilha, uma caminhante que transita entre várias formas de vida, que assume mais conscientemente, a partir daqui essa condição de trânsito como modo de viver e trabalhar. Após essa experiência, passo a me reconhecer como uma artista, uma pesquisadora e, também, uma mergulhadora, uma narradora, uma criadora de jogos e desafios que impõem a invenção rápida de estratégias que permitam alcançar o próximo nível – sempre um platô desconhecido – aceitando o desafio surrealista de viver a vida através do jogo.

Saio desse percurso entusiasmada em seguir pesquisando os escritos surrealistas e a aproximar-me mais das palavras de outros autores, como Philippe Soupault, Robert Desnos e Paul Eluard.

A vivência experimentada durante a pesquisa de mestrado fragilizou, a ponto de dissolver a meus olhos, a separação entre arte e vida. O encontro entre mim e a garotinha Juli (que propiciou uma aproximação entre aquela que sou hoje com aquela que fui aos dez anos) evidenciou isso. A caixa-objeto que apresento ao concluir esse trabalho foi motivada pela memória de infância desperta pelo encontro com Juli e tem também origem no texto que escrevi aos dez anos: retomando a imagem da caixa encontrada no sótão pela menina, projetei um fundo falso para dar acesso a um baú de tesouros, nesse caso, contendo os objetos de Erony.

Na caixa estão dispostos objetos que proporcionam que a imagem fotográfica seja pensada sob as lentes oferecidas por esse trabalho: o souvenir caixa de fósforos, contendo a imagem de Leônidas, marido de Erony; uma caixa porta-slide, na qual inseri fotografias do arquivo; um monóculo que chegou sem imagem nenhuma e assim permanece, para remeter ao quase desaparecimento das imagens do arquivo (descartadas como lixo na

calçada); e as fotografias 3X4 de Erony, que permitem traçar a linha do tempo de sua vida.

Por questões afetivas, o prato souvenir da Praia Pocitos em Montevideo, traz a imagem da Rambla, um lugar que me fascina desde a infância e pelo qual Erony também passou. O próprio baú de Erony que, provavelmente, é um dos objetos mais antigos do arquivo, considerando que ela assinou seu nome de solteira dentro dele. Uma castanhola trazida da Espanha, escolhida pela minha origem familiar e pela identificação que sinto pela dança flamenca. E, por fim, um barco, para trazer o mar, uma das imagens centrais que norteia o trabalho.

Acima do baú de objetos, encontram-se todos os materiais gráficos que resultaram dessa pesquisa. Eles entram dentro da caixa, que é portátil, para acompanharem meus passos deambulantes e, com a possibilidade de a qualquer momento se transportarem para uma mesa ou parede expositiva. Também eles são moventes!

A rede-trabalho que se forma e, principalmente, se respeita, durante a realização desse processo, mostra a possibilidade de exercitar uma metodologia poética de acolhimento a fontes que surgem de diversos e inesperados lados. As analogias,

justaposições e atravessamentos presentes no trabalho, por vezes, pertencem a universos totalmente distintos, e são de naturezas heteróclitas, encostando-se umas às outras apenas porque os identifico como parte de uma mesma experiência. Encontram, assim, conexão através da própria experiência, da própria vivência.

A rede-trabalho incorpora minha própria experiência de transitar entre as ilhas de uma “identidade-arquipélago” (a deambulante, a pesquisadora, a artista, a mergulhadora, entre outras). Terminada a pesquisa que culmina com a defesa dessa dissertação, a rede-trabalho não cessa de produzir significados e novos encontros, como uma estrutura predisposta ao infinito, ainda que o arquivo de Erony seja finito.

No mar, me propus a fazer um mergulho vertical, mas meu mergulho poético acabou se configurando como um grande nado na superfície, onde tudo se liga e se conecta. Com Breton, entendi que essa rede permanentemente aberta vem de meu estado de engajamento e disponibilidade para com o trabalho. Mesmo sem saber qual seria a próxima estrutura da rede, o que ela colheria, seguia sempre aberta às incorporações. A rede, que pode encontrar correspondência na imagem do mar, se desdobra não para firmar um eixo vertical de sentidos, como um aprofundamento em uma única direção, mas para abrir o processo em várias direções. A rede se amplia para todos os lados!

A realização deste trabalho também me oportunizou aprofundar reflexões a respeito da fotografia que me instigavam há certo tempo. Entendo a fotografia como um recurso que nos proporciona uma visão parcial dos objetos, cenas, momentos e pessoas fotografados. Também me deparei, nessas reflexões, com a condição da fotografia como apagamento, especialmente a partir dos escritos de Fontcuberta, autor cuja contribuição permitiu debruçar-me sobre o arquivo de Erony como um acervo repleto de imagens que, ainda assim, permanecia cheio de lacunas. Essa reflexão foi um gatilho importante para que eu tomasse a decisão de produzir materiais para preenchimento desses espaços. Foi a partir dessa decisão que adveio a experiência vivida até aqui. Os caminhos que segui e que estão dispostos na dissertação só existem porque ao encontrar o arquivo de Erony, aquele material parecia não bastar para contar a história dela. Tinha a sensação de que o mais importante não estava exposto diretamente no material do arquivo.

Além disso, a minha própria produção em fotografia também assume uma condição parcial nesse trabalho, pois ficou claro, desde o início, que ela não era o objetivo maior, nem um produto, mas se acomodaria na função de um ponto comunicante

da rede. As fotografias que produzi vêm para contar algumas histórias e para conectar meu eu com o de Erony em pequenas coincidências de olhar.

Em relação a Erony tenho a sensação de dever cumprido: creio que através da caixa-objeto, possibilitei o resgate da dignidade que o material dela merecia, diferentemente de seu primeiro quase-destino (o lixo). Porém, a partir de hoje Erony segue em mim, como vivência. Ela também faz parte de tudo que hoje sou.

Em relação ao material do arquivo, acredito que ainda seja necessário fazer uma catalogação mais profunda nos slides. Pretendo olhar com mais atenção para as fotos capturadas em viagens ao México, Japão e países da Europa.

Por fim, espero que a principal colaboração desse trabalho tenha sido realizar uma “ode” aos processos deambulantes, a experiência como arte, aos caminhos flutuantes, aos acasos infinitos, aos murmúrios inesgotáveis, as incertezas enriquecedoras e aos passos errantes.

Adunizar:

Diz-se do processo de transformar-se em dunas²³. Leve como a areia e movente como o vento. Areia que – com o vento movente – ora está lá, ora está aqui. Areia e vento caminhanes!

Adunizo-me!

[infinitamente]

²³ Perguntei ao Primeiro Faroleiro como era viver naquela solidão.

– Vou sentir saudade – confessou – Aqui tudo muda, todos os dias. Nunca é a mesma coisa. Há gente que não acredita nisso. Estão vendo aquela duna, ali? – apontou para um cômodo com um arbusto no alto.

- Ela não estava ali, ontem. Podem acreditar: não estava. Todos os dias eu saio para ver essas coisinhas, o que mudou de ontem para hoje. Vou sentir saudade daqui. (BERNARDES, 2009, p. 66)

REFERÊNCIAS

AIRA, César. **El náufrago**. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 2011.

ARAGON, Louis. **O Camponês de Paris**. Apresentação, tradução e notas, Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.

BENJAMIN, Walter. **Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos**. Tradução Celeste H.M. Ribeiro de Sousa. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

_____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v.1).

_____. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense S/A, 1987. (Obras escolhidas, v.2).

BERNARDES, Maria Helena; SEVERO, André. **Histórias de península e praia grande/Arranco**. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2009.

BRETON, André. **Manifestos do Surrealismo**. Tradução: Sergio Pachá. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2001.

_____. **Nadja**. Tradução: Ivo Barroso. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

DYER, Geoff. **O instante contínuo: uma história particular da fotografia**. Tradução Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Fontcuberta, Joan. **O beijo de Judas**: fotografia e verdade. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 2010.

Gagnebin, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

Galera, Daniel. **Barba ensopada de sangue**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Garopaba 500 anos de história. **Hierophant**. Disponível em: <<http://www.hierophant.com.br/arcano/posts/view/traveler/3459>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

IMOBILIÁRIA Viva Real. Apartamento com 3 Quartos à Venda, 114 m² por R\$ 480.000. Disponível em: <https://www.vivareal.com.br/imovel/apartamento-3-quartos-boavista-bairros-porto-alegre-com-garagem-114m2-venda-RS480000-id-76668547/?__vt=prefetch:b>. Acesso em: 30 maio 2017.

IMOVEL WEB. Apartamento 03 dormitórios, 02 suítes, 02 vagas, no bairro... Disponível em: <<http://www.imovelweb.com.br/propriedades/apartamento-03-dormitorios-02-suites-02-vagas-no-2925010731.html>>. Acesso em: 30 maio 2017.

Lefebvre, Henri. *Théorie des moments*. In: **Critique de la vie quotidienne II: fondements de une sociologie de la quotidienneté**. Paris: L'Arche, 1980.

Legge, Elizabeth. *Nothing Ventured: Paris Dada Into Surrealism*. In: HOPKINS, David. **A Companion to Dada and Surrealism**. Hoboken: John Wiley & Sons Inc., 2016.

Leminski, Paulo. **Caprichos e Relaxos**. São Paulo: Círculo do Livro, 1991.

MACHADO, Antonio. **Antología poética**. Madrid: Alianza Editorial, 1995.

_____. **Poesías completas**. Buenos Aires: Espasa-Calpe S.A., 1946.

NAUFRAGIOS em SC. **Brasil Mergulho**. Disponível em: <<http://www.brasilmergulho.com/destinos/naufragios-do-brasil/Santa-Catarina>> Acesso em: 23 abr. 2017.

NAVIO que afundou na Praia da Vigia. **Garopaba Séc. XXI**, 21 jan. 2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/GaropabaSecXXI/photos/a.451396034902241.98502.451392588235919/489445701097274/?type=3&theater>> Acesso em: 23 abr. 2017.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e Criação Artística**. São Paulo: UNICAMP, 1995.

PIER, John. **André Breton's Nadja: An Intermedial Web of Coincidences and Complicities**. Disponível em: <<http://www.enn4.ugent.be/node/341>> Acesso em: 17 jun. 2017.

RAMIL, Vitor. O artista paga alto preço por levar uma vida não convencional. **Zero Hora**, Porto Alegre , 03 de junho 2016. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2016/06/vitor-ramil-o-artista-paga-alto-preco-por-levar-uma-vida-nao-convencional-5825352.html>> Acesso em: 09 agosto 2017.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Os devaneios do caminhante solitário**. Tradução Fúlvia Maria Luiza Moretto. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1986.

SARAMAGO, José. **O conto da ilha desconhecida**. Disponível em: <<https://yadi.sk/i/qeFQJeSx37uXbK>>. Acesso em: 11 junho 2017.

SIMMEL, Georg. *Simmel e a modernidade* / Georg Simmel, Jessé Souza e Berthold Öelze (org.); tradução de Jessé Souza ... [et. al.] – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

TESSLER, Elida. Formas e formulações possíveis entre a arte e a vida: Joseph Beuys e Kurt Schwitters. **PORTO ARTE**, v. 7, n. 11, p. 57-67, mai. 1996.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

VERAS, Eduardo Horta Nassif. Lirismo e claustrofobia n'As flores do mal. **REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários**, Vitória, s. 2, ano 7, n. 8, 2011.

APÊNDICES



26/09/1963

Caríssima amiga,

Escrevo com o mais profundo desejo de que esteja transcorrendo tudo calmamente em nosso amado paisito. Que a tua vida esteja se mantendo nesse ritmo leve, bem

característico daí e que eu tendo a extrañar suspiro após suspiro.

Te cuento que faz tempo que quero escrever para te mostrar o quão belo podem ser alguns momentos da vida. Lastima não ter escrito sobre isso antes de receber a notícia que contarei mais adiante. Enfim, só me resta pensar que há de ser por algo não ter escrito antes.

Em uma manhã de inverno daqueles onde sol manda as nuvens embora e se sente dono da imensidão, eu levantei com um bom humor inabalável. Sentei à mesa na companhia de meu pai, como há muito não conseguia fazer. Ele preparou um café batido daqueles que dá pra sentir o gosto da felicidade. Eu tinha médico agendado para às 10h no centro da cidade. Recebi o convite do meu Leônidas para ir dar um passeio antes de voltar para Porto Alegre. Naquele dia, estávamos saindo há apenas três semanas, e, como sabes, eu já estava completamente apaixonada. Ansiosa pelo encontro, ainda não sabia o que íamos fazer, afinal eu tinha pouco tempo entre sair do médico e pegar o ônibus.

Quando saí do consultório, ele já estava a minha espera em frente ao prédio. Ao entrar no carro, ele me disse que encontraríamos a irmã dele na rodoviária. Ela apenas desceria do ônibus para entregar o filho dele e voltaria

direto para sua cidade. O que pra mim era bom, assim eu não precisaria conhecer duas pessoas da família dele no mesmo dia, afinal tudo aquilo foi uma surpresa e me deixou um pouco nervosa.

Gostará de mim o filho dele? Eu gostarei dele? E se algum dos dois não gostar, isso influenciará na relação? Era tudo muito novo. E eu fiquei ansiosa por esse momento. Pelo que ele me falava, eu tinha certeza de que ia gostar do garoto. Mas não sabia se ele ia gostar de mim. Afinal, crianças são imprevisíveis e quando não gostam de alguém não gostam e pronto.

Na rodoviária, eu não desci do carro. Fiquei esperando lá dentro enquanto via o Leônidas abraçar a irmã, ela voltar para o ônibus, e o João, caminhando saltitante e falante de mãos dadas com o pai, como se tivesse o mundo pra contar em apenas um minuto. Quando ele entrou no carro, foi bastante educado e querido comigo, como se o pai tivesse falado pra ele a meu respeito com o mesmo carinho que fazia o movimento contrário.

Fizemos um passeio encantador, onde me apaixonei ainda mais pelo meu Leônidas, já que ele criava aquele garoto com uma criatividade impressionante. A brincadeira que faziam era chamada de “o homenzinho do Censo”. Por

acaso, encontramos uma casinha de madeira que simulava a casa do coelho, resquícios tardios da Páscoa. João entrava na casa, e quando Leônidas batia na porta, ele atendia cordialmente o homem do Censo, que lhe fazia várias perguntas, bem como é a visita na realidade. João convidava o homem para entrar e lhe servia um chá. Essas foram as cenas que mais me impactaram. Aquele menino de apenas cinco anos esquentando água em uma chaleira imaginária, no fogão imaginário, e servindo em xícaras também imaginárias. Uma mímica impecável que dava todo um encantamento para aquela brincadeira tão simples. Preciso te contar que naquele momento me apaixonei pelo garoto de uma forma inexplicável. Quando foram me levar para pegar o ônibus, de forma muito espontânea, João e eu colocamos a cabeça para fora da janela, e sim, nos latimos. Imitamos diversos tipos de latidos. Estávamos conectados. Ao chegar na parada, ensinei João a usar minha câmera. Ele tirou um excelente retrato do pai, com movimento borrado. E numa daquelas cenas constrangedoras, eu caí um tombo na calçada tomada de limo. Sujei toda minha roupa. Se fosse em outro momento, teria ficado irritada. Mas ali, onde o mundo parecia estar suspenso naquele universo mágico da infância, meu tombo foi motivo de divertidas gargalhadas.

Entrei no ônibus com uma sensação tão boa que nem eu consigo descrever. Acenei para eles que permanecerem naquela calçada até o ônibus partir.

A imagem que estou te enviando é da nossa primeira viagem juntos a Garopaba. Que felicidade pescar esse peixe com o João. Ele se transformou no meu fiel companheiro de pescaria, de desenhos e pinturas. Dei de presente para ele um livro que já vem com diversos desenhos para a criança completar e colorir. Tem a parte onde há desenhos de vasos e a criança tem que desenhar as flores. Tem também a parte das expressões, onde há diversos rostos em branco e em cima está escrita uma expressão que deve ser desenhada pela criança. Apelidamos de "livrão". Sempre que vou lá na casa dele, ele sai correndo para pegar o livrão.

Infelizmente, tenho que mudar o tom da nossa carta para te contar que semana passada fui no médico em virtude uma dor muito forte que me invadia o útero. Depois de uma série de exames e de receber o diagnóstico de endometriose, descobri que não posso engravidar. Querida, não podes imaginar a incompletude no viver que estou sentindo agora. Uma escuridão tomou conta dos meus dias desde que descobri. E se, dentro do ônibus, ao refletir sobre aqueles latidos que João e eu tínhamos dado na janela do carro, eu pensei

que aquele tivesse sido um momento de insensatez da minha parte, já que era uma mulher feita, com meus 28 anos, imitando cachorros, eu nem podia imaginar que a vida se faria insensatez completa logo adiante.

Espero que essa notícia não traga tristezas ao teu dia. Ainda estou tentando encontrar uma forma de superar isso. Precisava desabafar contigo, já que juntas brincamos diversas vezes de mamãe e filhinha nos tempos de chácara. Ainda estou a pensar no que isso tudo pode significar a vida de uma mulher.

Nessa semana, meu sorriso dessa foto se fez pranto. Tentei sentir alguma alegria te contando sobre o dia em que conheci o João e, de fato, são momentos lindos, que guardo comigo. E até me sinto um pouco egoísta por estar tão aflita com o fato de não poder gerar um filho meu, enquanto poderia disfrutar de ser mãe desse garoto. Mas ainda não estou conseguindo. Estou muito aflita. Tenho certeza de que tuas próximas palavras me reconfortarão. Se eu conseguir, vou te visitar em breve no paisito. Meus passos ao teu lado percorrendo a Rambla com aquele vento gelado na face, devem me trazer algum contentamento. Um forte abraço,
Erony



Lembrança da chácara

Porto Alegre, 14 de setembro de 1975.

Querida amiga,

É com uma imensa nostalgia que invade ferozmente os meus últimos dias que escrevo esta carta. Ontem à noite,

preparei um chá de camomila e sentei na poltrona da sala com minha caixa de reminiscências. Por falar nelas, lembra que quando nos despedíamos da infância e adentrávamos com tudo naquele universo conturbado - onde tudo é transição -, descobri essa palavra. E ali mesmo criei o nome do meu primeiro livro "Reminiscências de uma vida à toa"? Até hoje não o escrevi. Quem sabe um dia.

Quero te contar que ontem, entre tantas memórias, algo que me saltou aos olhos e imediatamente me transportou para outro lugar, em outro tempo, foram as fotos da chácara.

Lembra quando plantamos umas dez árvores no mesmo dia? Cavar o buraco, sentir o cheiro da terra e ver a variação de cores era a melhor parte. Hoje, devem estar imensas. Como seria bom voltar lá e fazer-se lagarto ao lado do pomar, comendo uma berga recém apanhada. Lembra como a gente pulava para alcançá-las? Lembra das galinhas correndo de um lado para o outro? E como a gente achava engraçado quando elas ciscavam?

Lembra que cada vez que a gente voltava lá tinha triplicado o número de coelhos, e na nossa inocência infantil não entendíamos como? Aí dava aquele trabalho gigantesco dar nome para os novos e reconhecer os velhos. Olhando para trás (e com as facilidades técnicas de hoje)

acho que a gente tinha que ter tirado uma foto deles e escrito o nome no verso.

Até hoje fico curiosa pensando em como deveria ser aquele mato atrás do galpão, que minha mãe nos proibiu de ir. Lástima que aquelas terras não tenham ficado com a família. Sabe que às vezes tenho vontade de ir lá e ver como está aquele lugar. Terá o galinheiro ainda? A capunga certamente não deve estar. Lembra quando o galo caiu embaixo da capunga e tu teves que entrar lá e resgatá-lo? Lembra quando chovia e tínhamos que ir correndo da casa da vó até a capunga? Ainda sinto aquelas gotas geladas em dias de chuva.

Desejo que nos encontremos em breve. Aí a gente descasca umas bergamotas para sentir aquele aroma, que certamente nos levará para a chácara, assim como essa imagem.

Não cabem nessas linhas o quanto te extraño, cariño!

Beijos de esquimozinho,

Erony



Alto mar, 8 de janeiro de 1981.

Passei todos estes anos sentindo muita saudade de te ter ao meu lado. Saudade que fui amenizando através da nossa infinita troca de cartas. Hoje, com essa lata de recuerdos em mãos, em que tu carinhosamente guardaste tudo que te escrevi e todos os objetos que te enviei, sinto com um enorme peso na alma que esta será minha última carta, escrita dentro de um navio sob o balanço das ondas. Não poderia haver melhor lugar para nossa última despedida, minha cara. Tenho que te dizer que te ver de olhos bem fechados, deitada e descansando depois de tanto sofrimento foi, de certa forma, um alívio.

Agora que fiquei sem destinatário, não faz mais sentido escrever as cartas. Mas quero que saibas, do meu mais profundo sentimento, que elas foram a razão de eu ter conseguido enfrentar todos os percalços que a vida me trouxe.

Resolvi fazer essa viagem de navio. Não quis voltar para Porto Alegre solidão. Em duas horas, devo chegar em Garopaba, o eterno lugar de descanso e enseada de barcos. Estou precisando de brisa, areia e água salgada nos pés.

Perdoa se estas palavras não foram tão belas, bem escritas, pensadas e inspiradas quanto todas as outras. Com a sua partida, minha inspiração se fez pó.

As fotos que estariam nessa carta, ainda não foram reveladas. São as imagens que produzi durante minha estadia na tua amada ciudad sob o sentimento da tua partida. Perdoa o olhar melancólico!

Com a partida do meu Leônidas e agora a sua, estou só neste imenso mundo. Agora sei como é a face do vazio. É uma lástima não ter podido ser mãe.

Quisera eu ter morado ao teu lado no nosso paisito!

Adiós, cariño!

Erony